

**Regina de Fátima Mota Marques**

**O E-MAIL: UM ESTUDO DA RELAÇÃO  
ENTRE A ORALIDADE E A ESCRITA EM  
TEXTOS DE ESTUDANTES DE  
GRADUAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Engenharia de Produção.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dulce Márcia Cruz, Ph.D

**Florianópolis - SC**

**2004**

**Regina de Fátima Mota Marques**

**O E-MAIL: UM ESTUDO DA RELAÇÃO ENTRE A ORALIDADE E A  
ESCRITA EM TEXTOS DE ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO**

Esta dissertação foi julgada adequada e aprovada para a obtenção do título de Mestre em Engenharia de Produção no Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 28 de setembro de 2004.

Prof. Edson Pacheco Paladini, Ph.D.  
Coordenador do Curso

Banca Examinadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dulce Márcia Cruz, PhD.  
Orientadora

---

Prof. Adair Bonini, PhD.

---

Prof.<sup>a</sup> Mailce Borges Mota Fortcamp, PhD.

*À Sofia e ao Cláudio,  
pela força, torcida e compreensão.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus.

À Universidade Federal de Santa Catarina.

Ao Centro Universitário Izabela Hendrix.

Ao Centro Universitário Newton Paiva.

À minha orientadora Dulce Márcia Cruz.

Aos meus alunos.

Aos amigos Dila, Dona Ju, Mary Elizabeth, Sarah e Jairo.

Ao meu pai (*in memoriam*), à minha mãe e aos meus irmãos.

Ao meu marido Cláudio.

À minha filha Sofia.

*Escrever é estar no extremo  
de si mesmo, e quem está  
assim se exercendo nessa  
nudez, a mais nua que há,  
tem pudor que os outros vejam  
o que deve haver de esgar,  
de tiques, de gestos falhos,  
de pouco espetacular  
na torta visão de uma alma  
no pleno estertor de criar*

João Cabral de Melo Neto

## RESUMO

MARQUES, Regina de Fátima Mota. *E-mail: um estudo da relação entre a oralidade e a escrita em textos de estudantes de graduação*. 2004. 90 fl. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Programa de Pós-graduação em Informática Aplicada à Educação, UFSC, Florianópolis, 2004.

Esta dissertação discute o e-mail como um novo gênero textual e estabelece a relação da oralidade com a escrita no e-mail e no texto de estudantes de graduação. Para mostrar a relação entre a oralidade e a escrita, foi feita uma análise empírica de textos produzidos por vestibulandos e, principalmente, por universitários do primeiro período de graduação — tanto antes da explosão da internet quanto depois. Os resultados revelam que, independentemente da internet, as marcas da oralidade estão presentes nos vários tipos e gêneros de texto escrito, porém não interferem de modo negativo na construção do texto. Ressaltou-se que a produção de um texto escrito implica operações mais complexas que a simples busca de palavras para a produção acrítica de textos que estejam de acordo com a gramática tradicional.

Palavras-chave: E-mail

Gênero textual

Oralidade

Escrita

## ABSTRACT

MARQUES, Regina de Fátima Mota. *E-mail: um estudo da relação entre a oralidade e a escrita em textos de estudantes de graduação*. 2004. 90 fl. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Programa de Pós-graduação em Informática Aplicada à Educação, UFSC, Florianópolis, 2004.

This paper studies the features of e-mail messages focusing the e-mail as a new genre. It also demonstrates a connection between the oral and the written languages in the e-mail texts and other texts produced by undergraduate students. In order to determine the oral language influence on the written one, some texts edited by high school seniors, high school graduates and college freshmen have been empirically analyzed before and after the Internet boom. Data analysis reveal that, regardless the internet influence, the oral language features are present in several kinds of written text genres, but they do not have a negative interference in the texts building-up. The paper highlights the idea that the production of a written text implies complex operations which go beyond the mere search of words chosen according to traditional grammar, which results in a non-critical text production.

Key-words            E-mail

Textual genre

Oral language

Written language

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 Contextualização.....	10
2 Justificativa.....	13
3 Objetivos.....	15
3.1 Geral.....	15
3.2 Específicos.....	15
4 Metodologia.....	15
5 Estrutura do Trabalho.....	18
1 A COMUNICAÇÃO HUMANA.....	19
1.1 A Origem da Escrita.....	19
1.2 O Surgimento das Mídias.....	25
1.3 Os Hipertextos.....	29
1.4 A Era Digital.....	31
2 GÊNEROS TEXTUAIS: noções e diferenças.....	34
3 O E-MAIL: UM NOVO GÊNERO TEXTUAL.....	48
3.1 Caracterização do Gênero Textual E-mail.....	52
3.2 A Ortografia nos E-mails e nos Textos da Internet.....	57
3.3 Peculiaridades do E-mail.....	58
3.4 Peculiaridades do Texto.....	60
4 A ORALIDADE E A ESCRITA NO E-MAIL E NO TEXTO DE ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO.....	65
4.1 A Língua Escrita na Escola.....	66
4.2 E-mails e Textos Escolares.....	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
REFERÊNCIAS.....	83



# INTRODUÇÃO

## 1 Contextualização

A história da escrita revela que nos primeiros textos alfabéticos não havia espaço entre as palavras. Foram construídos gradativamente os recursos editoriais para a leitura e a escritura de textos: espaços em branco, pontuação, parágrafos, divisão em partes ou capítulos, índices, sumários, notas de rodapé, referências. Percebe-se que esse mesmo processo está acontecendo com os textos veiculados pela internet.

O homem criou os sistemas da escrita (a pictórica, a ideográfica e a alfabética), os escritores de romances inventaram recursos de escritura para criar uma estética discursiva, os produtores de histórias em quadrinhos buscaram outros recursos gráficos para representar a mensagem. Assim também os internautas estão revolucionando a escrita no ciberespaço com textos adequados a cada situação tanto no sistema quanto no processo discursivo. É o estilo *on-line* influenciando a escrita *off-line*. Percebe-se isso nos textos de jornais e revistas, em propagandas, manchetes, publicações diversas etc.

Pierre Lévy (2000) define que o termo ciberespaço especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Define o neologismo cibercultura como o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.

Nas sociedades que precedem a escrita, o conhecimento prático, religioso, mítico e ritual era transmitido oralmente de geração para geração, na interação face a face, num mesmo tempo e espaço. A primeira grande revolução da humanidade se deu com o advento da escrita. Vieram depois a imprensa, a máquina de escrever, o telefone, o rádio, a televisão, a internet. Vale ressaltar que, segundo Bagno (2000), a escrita é apenas uma tentativa de

representação porque não existe, em nenhuma língua do mundo, alguma ortografia que consiga reproduzir a fala com fidelidade.

De acordo com Lévy (1997), nas sociedades orais, as mensagens lingüísticas eram sempre recebidas no tempo e no lugar em que eram emitidas. Emissores e receptores partilhavam uma situação idêntica e, em geral, um universo análogo de significado. Os atores da comunicação estavam embebidos no mesmo banho semântico, no mesmo contexto, no mesmo fluxo vivo de interação. Assim, o suporte teórico das mensagens eram as pessoas. Muitos afirmavam que, quando um velho morria, morria também uma biblioteca.

O historiador Roger Chartier (1999) destaca a figura do autor oral como uma figura de longa duração:

Nos últimos séculos da Idade Média, quando se esboça a personalidade do autor moderno, cujo texto é, sob sua autoridade, fixado pela cópia manuscrita e depois pela edição impressa, o “autor oral” está sempre ali. É o caso do pregador Calvino. Para ele, há um conjunto de textos que, imediatamente, supõe como destinatário um leitor: as traduções dos textos sagrados, os textos de polêmica, os tratados teológicos. Em oposição, há as lições ou sermões que são pensados como “performances” orais. Calvino sempre manifestou uma extrema reticência diante da transcrição escrita e depois da publicação impressa de seus sermões, como se houvesse aí um gênero que só resistisse na e pela oralidade, a palavra viva. (CHARTIER, 1999, p. 26)

Com a propagação do texto eletrônico, particularmente o e-mail, houve uma mudança na concepção de leitor e autor, como se tratasse de autoria coletiva ou co-autoria. Chartier (1999) afirma:

Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão. (CHARTIER, 1999, p. 77)

A variedade de textos que a internet oferece, ou seja, os novos gêneros hiper(textuais) podem ser lidos ou construídos com os inúmeros recursos dos programas de computador. Páginas pessoais (home-pages), sites, salas de bate-papo (chats), salas de discussão (fóruns), correios eletrônicos (e-mails) etc. são os novos gêneros (hiper)textuais à disposição dos usuários. Na produção dessa diversidade e heterogeneidade (hiper)textual, está se criando uma nova linguagem ou o chamado *estilo on-line*, que vem provocando mudanças no código alfabético e na escrita oficial do português: invenção ou criação de novos códigos, novo vocabulário, nova sintaxe.

Os textos do e-mail são interessantes na medida em que o leitor/navegador organiza ou até mesmo constrói parcialmente a objetividade do texto. Para Chartier (1999), refletir sobre as revoluções do livro, por exemplo, e mais amplamente, sobre os usos da escrita, é examinar a tensão fundamental que atravessa o mundo contemporâneo. Ele assegura:

Com o texto eletrônico, enfim, parece estar ao alcance de nossos olhos e de nossas mãos um sonho antigo da humanidade, que se poderia resumir em duas palavras, universalidade e interatividade. (CHARTIER, 1999, p. 134)

Por séculos, sob forte influência da oralidade, sempre se teve contato com os textos escritos. Hoje, no entanto, nas mais diferentes culturas, a nova tecnologia da escrita estaria ainda mais revestida de fortes poderes mágicos, assim como a fala. No contexto das grandes transformações, não se pode pensar em desenvolvimento lingüístico sem pensar no avanço tecnológico.

A internet simboliza exploração e convida para a reflexão e a aprendizagem, antes só possível mediante um professor, por isso é preciso concretizar a aprendizagem na tela do computador. Para isso se faz necessário organizar o espaço cibernético, uma vez que a internet dispõe de um sem-número de informações, dentre as quais o interlocutor deve selecionar o que lhe interessa.

Ora, acredita-se que é possível aprender quando se interage com o outro, que é possível produzir conhecimento ao relacionar informações, que é possível aprender de um modo diferente do proposto pela escola tradicional.

## 2 Justificativa

O avanço da tecnologia e da comunicação vem criando novos textos, novas formas de ler e escrever mensagens. O e-mail, o chat, o bate-papo, o blog — gêneros textuais decorrentes da internet — vêm consolidar a importância do estudo da língua materna no cotidiano de tantos recursos tecnológicos. A troca de mensagens tem sido objeto de estudo de muitos cientistas da linguagem, porém ainda está tímido o estudo sobre as novas perspectivas lingüísticas, particularmente o e-mail. Diante disso, nesta dissertação, prioriza-se o estudo do e-mail como um novo gênero textual.

Como podemos interagir com o espaço cibernético? Qual é a interferência da tecnologia na vida dos usuários da língua-padrão ou não-padrão? Hoje, discute-se muito sobre a necessidade e a importância da tecnologia para a aquisição de informação. O desenvolvimento tecnológico mudou a nossa cultura e o modo de escrever. Assim, como podemos avaliar o uso da escrita nos meios de comunicação? Com a internet, como fica a língua portuguesa?

Expressividade, oralidade, espontaneidade, abreviação de palavras, uso excessivo de sinais de pontuação caracterizam o texto do e-mail. Por isso, é um gênero textual que possibilita a prática de produção e de leitura de textos, já que muitos alunos têm acesso à internet. Vale salientar que o texto do *e-mail* é atraente porque trata de assuntos ligados à realidade dos falantes.

Como dominam o português falado, que os conservadores tanto censuram, os alunos têm pavor da língua portuguesa “ensinada” na escola tradicional, que despreza a linguagem do dia-a-dia, presente, principalmente, no chat e nas mensagens veiculadas no e-mail. Existe aí um estreitamento entre a oralidade e a escrita formal, todavia uma modalidade da língua não invalida as particularidades da outra.

A interação deste novo gênero textual — o e-mail — já começa, mesmo que de maneira tímida, a ultrapassar os muros da sala de aula tradicional, pois

possibilita o contato com pessoas de diversas partes do mundo. Percebe-se que o e-mail tornou-se um facilitador nas pesquisas acadêmicas quer na interação entre professor-aluno, quer na interação entre aluno-aluno, quer em projetos de educação a distância, quer em grupos de estudo ou discussão no Brasil e exterior.

Diante disso, como utilizar a riqueza da linguagem do e-mail em sala de aula? Como trabalhar os vários gêneros textuais na transmissão e no recebimento de mensagens levando em conta o fator da situacionalidade? Antes de qualquer consideração sobre o novo gênero textual, o e-mail, vale ressaltar que produzir um texto é conseguir articular a linguagem de maneira coesa e adequada, colocando-se como sujeito responsável pelo enunciado que produziu.

O gramático Evanildo Bechara (2000) ressaltava que todo texto, como toda expressão comunicativa, deve estar adequada às idéias, ao interlocutor e à situacionalidade. A internet tem seu espaço e hora para ser utilizada. A inadequação textual consiste em querer redigir um texto qualquer fora da internet como se fora para ele, ou vice-versa.

O interesse em pesquisar os gêneros textuais refere-se exatamente às várias possibilidades de confrontar o universo sociocomunicativo. Como são vários e inesgotáveis, os gêneros discursivos vão sendo incorporados por outros, com isso sofrem uma reestruturação. Assim, é imprescindível reestruturar o processo de interlocução. Na esfera digital, qual é a função social do e-mail? Qual a finalidade do texto? Qual nível de linguagem é o mais adequado para que a comunicação se estabeleça? Como as condições de produção interferem nos enunciados para que se estabeleça a enunciação?

Pretende-se aprofundar a discussão do e-mail como um novo gênero textual e não como um empobrecimento lingüístico em se tratando de texto escrito. Espera-se que este estudo possa trazer contribuição para uma melhor compreensão da comunidade discursiva virtual e para a produção de textos em diversos níveis de linguagem e situação de comunicação na língua materna.

### **3 Objetivos**

#### **Geral**

- Verificar de que forma a linguagem oral, a linguagem escrita e o ciberespaço se inter-relacionam na produção de textos de estudantes de graduação.

#### **Específicos**

- Verificar em que medida o meio eletrônico influencia a produção de textos de estudantes de graduação.
- Discutir, à luz de diferentes teorias, a produção de textos adequados à situação comunicativa.
- Analisar a relação entre a oralidade e a escrita na produção do e-mail e dos textos de estudantes de graduação.
- Ressaltar que as mudanças e as variações que irão transformar a língua-padrão ocorrem primeiro na língua falada.
- Caracterizar a escrita como uma prática sociocultural oportunizada pela internet na construção do sentido de um novo gênero textual: o e-mail.
- Evidenciar a necessidade de novos estudos sobre diferentes gêneros textuais.

### **4 Metodologia**

Esta dissertação pretende discutir o e-mail, a partir do estudo da relação entre a oralidade e a escrita em textos de estudantes de graduação. Pretende ainda verificar se o meio eletrônico influencia ou não na produção dos textos de estudantes de graduação.

Este estudo constou de uma pesquisa bibliográfica sobre a origem da comunicação humana, sobre os gêneros textuais (sobretudo o e-mail) e de uma análise empírica de e-mails e textos produzidos por vestibulandos e universitários do primeiro período de graduação, com foco na relação entre a oralidade e a escrita.

Desde o início de sua trajetória no magistério, esta pesquisadora se interessa pelas questões relacionadas à influência da oralidade nos textos escritos dos alunos numa situação formal. A análise empírica constou de um corpus de 31 textos apresentados e comentados no quarto capítulo, intitulado “*A oralidade e a escrita no e-mail e no texto de estudantes de graduação.*”

Os textos 1,2 e 3 foram produzidos por um mesmo locutor em situações diferentes: e-mail para a professora de Língua Portuguesa, e-mail para amigos e um texto para ser avaliado numa prova de Língua Portuguesa.

Os textos 4 a 16 são fragmentos de redações de vestibular de duas grandes faculdades particulares de Belo Horizonte no período de 1992 a 2004. Os textos 4 a 7 foram produzidos antes que os locutores tivessem acesso à internet/e-mail (1992 a 1996); os textos 8,9 e 10, no início da popularização da internet (1998 a 2000); já os textos 11 a 16, os mais recentes, por indivíduos totalmente familiarizados com o ciberespaço.

O texto 17 (de 2002) foi produzido em sala de aula por um aluno que lida com a internet o dia todo. O texto está bem estruturado e com vocabulário adequado à situação comunicativa. Os textos 18 a 25 são mensagens recebidas e enviadas por e-mail em várias situações comunicativas (amizade, trabalho etc.).

Os textos 26 a 31 (de 1994 a 2004) foram produzidos em sala de aula, por estudantes universitários, primeiro período, numa situação de formalidade: avaliação. Pode-se verificar na pesquisa, principalmente com a análise dos textos, que, independente do contato com o ciberespaço, os textos escolares (vestibular, avaliação de língua portuguesa) apresentam problemas

relacionados à dificuldade que o aluno/produtor tem em transitar com clareza e segurança pelo mundo da escrita.

Os alunos-produtores sabem quando serão avaliados ou quando estão escrevendo para amigos. Porém, o momento atual do ensino da Língua Portuguesa ainda é de grande perplexidade diante da influência do ciberespaço. Tornou-se um chavão dizer que o ensino está uma tragédia, que os alunos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio não conseguem produzir textos claros, coerentes, e essa situação já está se estendendo ao Ensino Superior.

Segundo Bagno (2000), é preconceituosa a afirmação de que “português é muito difícil”. O ensino da língua materna sempre se baseou na norma gramatical de Portugal, mas nem sempre as regras correspondem à língua que realmente se fala e se escreve no Brasil. "No dia em que o ensino de português se concentrar no uso real, vivo e verdadeiro da língua portuguesa do Brasil é bem provável que ninguém mais continue a repetir essa bobagem" (BAGNO, 2000, p. 35).

Como, então, atuar num quadro de tantas dificuldades? A língua materna não deve ser pautada na mera transmissão de conhecimentos prontos. A língua materna é viva, está viva e é enriquecida todos os dias. A norma-padrão deve ser o alvo final no estudo da língua materna, e não o ponto de partida. O conhecimento intuitivo dos alunos falantes não pode ser abortado. Acredita-se que a sala de aula pode ser prazerosa, com atividades que enriqueçam o dia-a-dia dos alunos, e não um lugar de censura. A construção dos textos pode e deve ser um momento de interação entre os sujeitos da produção.

Rosa Virgínia Mattos-e-Silva (1995) assinala:

...os que vêm refletindo sobre o ensino do português como língua materna, têm-se definido pelo respeito à oralidade que atinge a instituição escolar, no sentido de defender uma educação multidialetal ou para uma pretensa assimilação social, a maioria; ou na direção do respeito à pluralidade cultural que se externa, entre outras formas, na heterogeneidade dialetal dos estudantes. Sendo assim, o



ensino do português deverá ser enriquecido com a possibilidade da aquisição da norma padrão que a escola não deve escamotear, muito pelo contrário, dos seus estudantes, por razões sociais evidentes. (MATTOS-E-SILVA, 1995, p. 8)

Um mesmo aluno locutor produz textos diferentes em registros de linguagem diferentes na sala de aula e no computador. Como afirma Eglê Franchi (1987), é preciso reforçar nos alunos a sensibilidade para diferentes usos da linguagem e conscientizá-los da existência de variações dialetais.

## **5 Estrutura do Trabalho**

Esta dissertação está dividida em seis partes. A *Introdução* contextualiza o problema e apresenta a justificativa, os objetivos e a metodologia empregada na pesquisa. O primeiro capítulo aborda a comunicação humana, o segundo faz uma revisão bibliográfica de gêneros textuais, o terceiro mostra que o e-mail é um novo gênero textual, o quarto analisa a relação entre a oralidade e a escrita em exemplares de e-mails e de textos acadêmicos. E, por fim, as *Considerações Finais* apresentam a conclusão e as recomendações para trabalhos futuros.

Espera-se que este trabalho possa contribuir com dados para reflexão sobre novos caminhos para a produção de textos sejam eles quais forem, desde que estejam adequados à situação sociocomunicativa.

# I A COMUNICAÇÃO HUMANA

## 1.1 A Origem da Escrita

Segundo Pierre Lévy (1996), a palavra oral, antes das primeiras tentativas de se gravar uma informação, era usada pelos antigos como elemento de gestão da memória social, visto que toda experiência, toda descoberta, todo o acervo cultural desses povos se encontravam na memória dos indivíduos.

Sabe-se que os primeiros textos alfabéticos não separavam as palavras. Apenas muito lentamente foram criados espaços entre os vocábulos, pontuação, parágrafos, divisão entre capítulos, sumários, índices, a arte de distribuição na página, a rede de enciclopédias e dicionários, notas de rodapé, ou seja, tudo o que facilita a leitura e a consulta de documentos escritos.

Segundo McLuhan (1971), o desenvolvimento humano e o avanço das civilizações dependeram de progressos como a invenção do fogo, a domesticação dos animais, sobretudo de avanços no que se refere à comunicação: receber e registrar informações. Hoje, sabe-se que a linguagem oral, a escrita e o ciberespaço convivem na sociedade e na cultura, ao lado de outras linguagens não-verbais que se juntam ao processo de interlocução das mensagens.

A escrita, por exemplo, é uma atividade com a qual o homem tão envolvido que nem se dá conta de como é possível alguém viver sem ler e escrever. Por outro lado, é pesaroso constatar que, muitas vezes, o ensino da língua nas escolas tem se preocupado mais com a aparência da escrita do que com o significado real dela. Haja vista que as atividades de português na escola giram em torno da escrita; até mesmo a fala tende a ser cobrada quanto aos aspectos formais da escrita.

Segundo Cagliari (1993), a história da escrita — vista no seu conjunto, sem seguir uma linha de evolução cronológica de nenhum sistema especificamente — pode ser dividida em três fases: a pictórica, a ideográfica e a alfabética.

A pictórica se distingue pela escrita através de desenhos ou pictogramas. Estes aparecem em inscrições antigas, mas podem ser vistos de maneira mais elaborada nos cantos Ojibwa da América do Norte, na escrita asteca e nas histórias em quadrinhos.

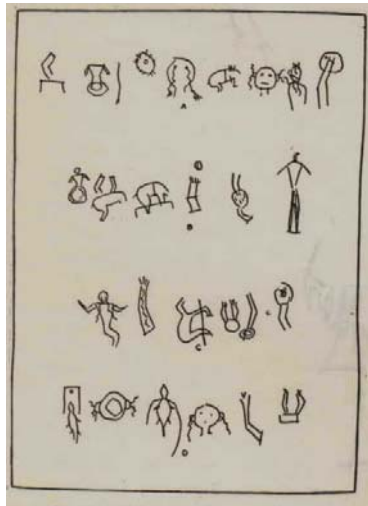


FIGURA1 - Cantos Ojibwa. Um grupo de cantos para cerimônia de iniciação de novos membros.

Fonte: CAGLIARI, 1993, p. 106.

Hoje existe mais uma tecnologia em que a fase pictórica também se destaca: o chat, um diálogo on-line, uma conversa em que os participantes digitam sua fala, numa linguagem muito informal e cheia de particularidades, com uso de símbolos, chamados *smileys* ou *emoticons*, para indicar o contexto emocional do que está sendo escrito.

Já os pictogramas (Cagliari,1993) estão associados não a um som, mas à imagem do que se quer representar; são representações bem simplificadas dos objetos da realidade.

A fase ideográfica se caracteriza pela escrita através de desenhos especiais chamados ideogramas. Esses desenhos foram perdendo, ao longo de sua evolução, alguns dos traços mais representativos das figuras retratadas e tornaram-se uma simples convenção da escrita. As letras do alfabeto do português, por exemplo, vieram desse tipo de evolução.

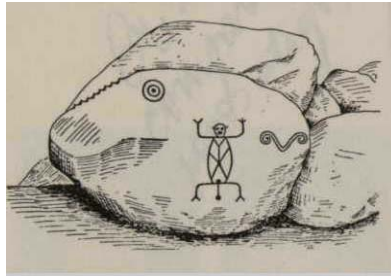


FIGURA 2 - Na base de toda escrita está a pintura. Acima, uma gravura em rocha encontrada no noroeste do Brasil.

Fonte: CAGLIARI, 1993, p. 108.

As escritas ideográficas mais importantes são a egípcia (também chamada de hieroglífica), a mesopotâmica (suméria), as escritas da região do mar Egeu (por exemplo, a cretense) e a chinesa (da qual provém a escrita japonesa).

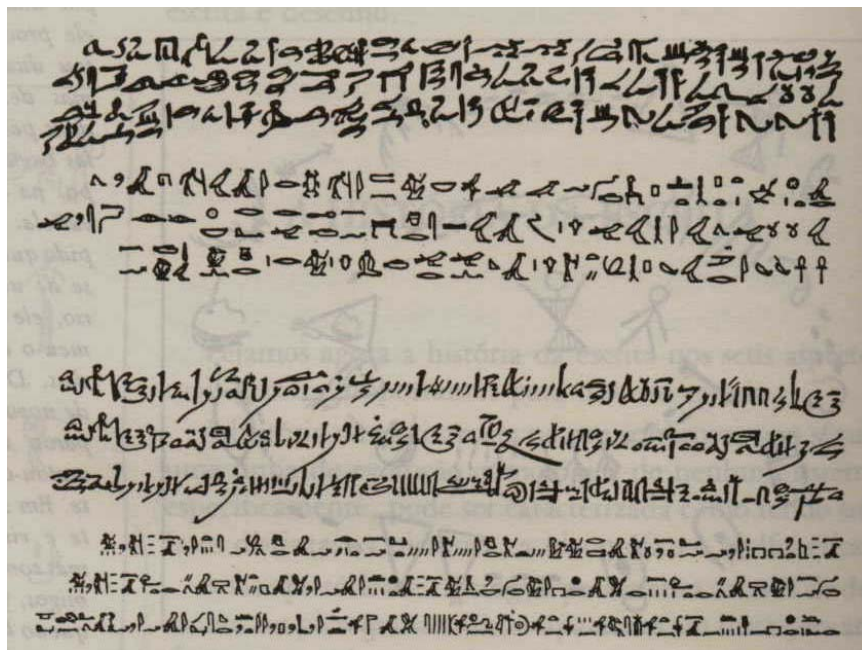


FIGURA 3 - Escrita egípcia de um mesmo texto em forma hieroglífica (pictográfica) e na forma hierática (não-figurativa) correspondente.

Fonte: CAGLIARI, 1993, p. 108.

A fase alfabética se caracteriza pelo uso das letras, que tiveram sua origem nos ideogramas, mas perderam o valor ideográfico, assumindo uma nova função de escrita: a representação puramente fonográfica. O ideograma perdeu seu valor pictórico e passou a ser simplesmente uma representação fonética.



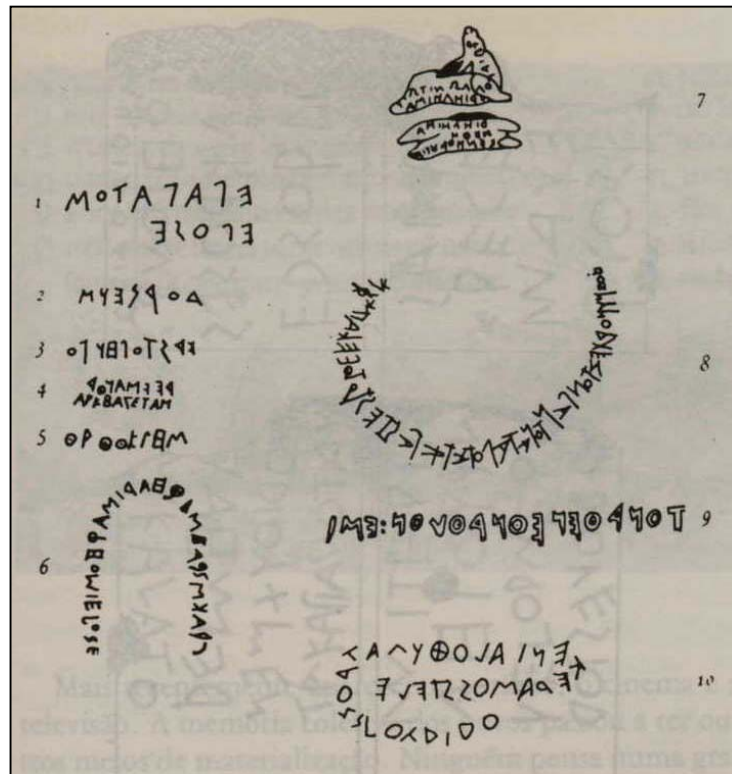


FIGURA 5 - Escrita grega arcaica indo da direita para a esquerda.  
 Fonte: CAGLIARI, 1993, p. 111.

Os instrumentos de escrita também têm se transformado muito ao longo dos tempos, indo desde o pincel, o cinzel, o estilete, o lápis, a caneta, até as teclas da máquina de escrever e do computador.

Segundo Cagliari (1993), a escrita, seja ela qual for, sempre foi uma maneira de representar a memória coletiva, religiosa, mágica, científica, política, artística e cultural. A invenção do livro e da imprensa é um marco significativo da história da humanidade, depois, é claro, da própria escrita.

Os sistemas ideográficos em geral tiveram sua origem numa escrita pictórica, icônica, cujas formas lembravam coisas do conhecimento do escritor e do leitor. Na própria combinação de caracteres icônicos, surgiu a possibilidade de escrita motivada foneticamente através desse mesmo processo, tornando a relação icônica cada vez mais fraca, e a relação fonográfica cada vez mais forte.

Cagliari (1993) afirma que:

...todo sistema de escrita tem um compromisso direto ou indireto com os sons de uma língua, e como as línguas inexoravelmente mudam com o tempo, transformando a forma fônica das palavras, a escrita começa a ser de difícil leitura. Historicamente, muitos sistemas ideográficos foram se transformando e acabaram incorporando muitos elementos de escrita fonográfica. (CAGLIARI, 1993, p. 115)

Colin Cherry (1974) faz referência às primeiras escritas das civilizações mediterrâneas que utilizavam pictogramas, ideogramas e hieróglifos; faziam-se representações picturais simples de objetos e por associação, de nomes, ações e idéias de todas as espécies. Mas o maior progresso foi a invenção da escrita fonética, por via da qual se atribuíram símbolos aos sons. Fala e escrita foram ligadas, mas civilizações que continuaram a usar uma forma de linguagem para a escrita e outra para a fala, se viram em situação de inferioridade ao longo de sua história, muito mais hoje do que em qualquer outra época.

Até a Idade Média, segundo Cagliari (1993), não havia num texto a preocupação com a separação das palavras ou com a colocação de sinais de pontuação. As escritas ideográficas jogam muito com a habilidade lexical do leitor, e as escritas fonográficas, com o poder de interpretação semântica. Os sistemas de escrita são claramente convencionais e nem sempre muito abertos. O latim, por exemplo, não tinha as letras minúsculas. A escrita cursiva apareceu só na Idade Média, época em que o latim já era escrito com muitos tipos de letras.

As inscrições e os papiros egípcios apresentaram as maiores dificuldades de decifração para os eruditos porque usavam com muita freqüência misturas de signos fonéticos e pictogramas, juntamente com muitos signos supérfluos e enfeites. Portanto, Cherry (1974), afirma que a antiga escrita hebraica, assim como muitas escritas antigas, não tinha vogais; o hebraico moderno usa-as apenas em livros infantis.

As abreviaturas encontradas em trabalhos manuscritos, chats e e-mails são uma volta ao sistema ideográfico. É importante salientar que a escrita abreviada parece ter sido usada pelos gregos já no século IV a.C. e se desenvolveu num verdadeiro sistema de escrita abreviada ou “taquigrafia”.

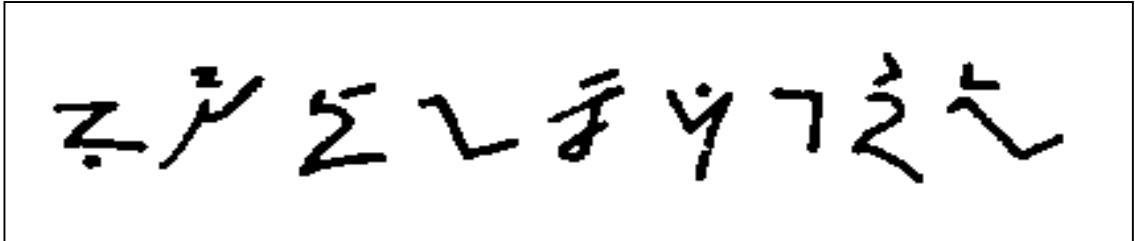


Figura 6 - Estenografia romana (ortográfica).

Fonte: CHERRY, 1974, p. 66.

Os antigos celtas, há cerca de 1500 anos, inventaram uma escrita interessante conhecida como Ogam, que se encontra gravada em pilares de pedra da Irlanda e da Escócia (FIG. 6). Numerosas escritas se desenvolveram em estruturas de letras complexas, com curvas, ângulos e vários ornamentos, difíceis de gravar em pedra, mas os celtas parecem ter consciência de que inventaram essa escrita para fazer inscrições às pressas em túmulos de guerreiros, usando o mais simples de todos os símbolos — um golpe de cinzel — e descobrindo que tudo era necessário para que se estabelecesse a comunicação.

## 1.2 Surgimento das Mídias

Em 1832, com a introdução do famoso código de ponto-e-traço, criado por S. F. B. Morse, percebeu-se a possibilidade de economia da linguagem, que leva à brevidade e à simplificação.

Com a invenção do telégrafo, a mensagem escrita começou a chegar de maneira mais rápida ao interlocutor. A informação passou, então, a ser considerada um bem sólido como a pedra e o papiro. Assim, segundo McLuhan (1971), o termo comunicação foi empregado extensivamente em conexão com



estradas e pontes, rotas marítimas, rios e canais, antes mesmo de se ver transformado em "movimento da informação", na era da eletricidade.

Mesmo antes da aceleração produzida pelo telégrafo, o jornal do século XIX já havia desenvolvido bastante a sua forma em mosaico. As impressoras rotativas a vapor surgiram décadas antes da eletricidade, mas a composição manual mostrou-se superior a qualquer outro meio mecânico até o desenvolvimento do linotipo, por volta de 1890.

O telégrafo traduziu a escrita em som, fato diretamente relacionado à origem do telefone e do gramofone. Com o telégrafo, os únicos obstáculos que permaneceram foram os lingüísticos, facilmente superados pela fotografia, pelo cinema e pela telefoto. A eletrificação da escrita foi um passo em direção ao espaço não-visual e auditivo quase tão grande quanto os passos que iriam logo dar o telefone, o rádio e a TV. Pierre Lévy (2002, p.16) afirma que "o telégrafo e o telefone serviram para pensar a comunicação em geral".

Em 1882, anúncios afirmavam que a máquina de escrever poderia ser usada como auxiliar no aprendizado da leitura e da escrita, da pronúncia e da pontuação. Ressalte-se que naquela época, os escritores não poderiam ficar alheios à aceleração provocada pela máquina de escrever. Paradoxalmente, como afirma McLuhan (1971), foi o telefone que apressou a adoção comercial da máquina de escrever, além de ter aumentado o trabalho a ser datilografado. Em qualquer escritório, pirâmides de papel se erguiam sobre a base de uma pequena rede telefônica.

A máquina de escrever levou a tecnologia de Gutenberg a todos os cantos da cultura e da economia, além de ter provocado efeitos opostos ao efeito oral, o que acontece em todos os casos extremos de uma tecnologia avançada, tal como se passa com a internet hoje.

Robert Lincoln O'Brien, citado por McLuhan (1971, comenta:

A invenção da máquina de escrever deu um enorme impulso ao hábito do ditado... isto não significa apenas mais palavrório...

mas sim a revelação do ponto de vista daquele que profere o ditado. Há uma disposição do orador no sentido de explicar as coisas como se estivesse observando as expressões faciais de seus ouvintes, para observar como estão seguindo suas palavras. (MCLUHAN, 1971, p. 290)

Uma parceria da velha tecnologia mecânica com o novo mundo elétrico foi o cinema, por meio do qual se enrola o mundo real num carretel para desenrolá-lo como um tapete mágico da fantasia. Comparado a outros meios como a página impressa, o filme tem o poder de armazenar e transmitir uma grande quantidade de informação; é a concretização do potencial contido na fragmentação tipográfica.

Um dos muitos efeitos da televisão sobre o rádio foi o de transformá-lo de um meio de entretenimento em um meio de informação. O rádio provoca uma aceleração da informação, que também se estende a outros meios. Reduz o mundo a uma aldeia, cria o gosto por fofocas, rumores, picuinhas pessoais e elimina distâncias. Notícias, hora certa, informações sobre o tráfego e sobre o tempo enfatizam o poder do rádio de envolver as pessoas. Platão, citado por McLuhan (1971), dizia que o tamanho certo de uma cidade era indicado pelo número de pessoas ao alcance da voz de um orador. Dessa forma, o rádio poderia facilmente realizar o sonho político de Platão numa escala mundial.

Quanto ao surgimento da televisão, vale ressaltar que o seu efeito mais evidente foi no comportamento das crianças, que costumavam ler com os olhos a apenas quinze centímetros, em média, da página — independentemente das condições de sua visão. Elas levaram para a página impressa os imperativos da total envolvência sensorial da imagem da TV. Com uma perfeita habilidade psicomimética, executavam as ordens da imagem televisionada. Prestavam atenção, investigavam, aquietavam-se e envolviam-se em profundidade. É o que faziam em relação às histórias em quadrinhos.

Depois da TV muitas coisas já não funcionavam tão bem. Tanto o cinema como as revistas de âmbito nacional foram duramente golpeados por esse novo meio. Até as histórias em quadrinhos declinaram bastante. A TV passa, então, a ser uma fonte de aprendizagem para os seus receptores, já que a sua

presença no dia-a-dia constitui um agente de socialização tão importante quanto a escola ou a família.

McLuhan (1971) comenta sobre a invasão dos meios de massa na caracterização da nossa cultura atual:

Hoje, em nossas cidades, a maior parte do ensino acontece fora da escola. A quantidade de informação comunicada pela imprensa, revistas, filmes, televisão e rádio excede em grande medida à quantidade de informação comunicada pela instrução e textos na escola. Este desafio destruiu o monopólio do livro como ajuda ao ensino e derrubou os próprios muros das aulas de modo tão repentino que estamos confusos, desconcertados. (MCLUHAN, 1971, p. 235-236),

A influência dos meios de massa ainda é um processo lento, porém, hoje, a TV é considerada como uma incalculável fonte de informação social, que pode ser utilizada para ensinar.

Segundo Lévy (2002), a maior parte dos conhecimentos foi transmitida oralmente, e a maior parte do tempo sob a forma de narrativa (histórias de pessoas, de famílias ou de empresas). Além disso, a oralidade sobreviveu paradoxalmente enquanto mídia da escrita. Antes da Renascença, os textos religiosos, filosóficos ou jurídicos eram quase que obrigatoriamente acompanhados de comentários e de interpretações orais, sob a pena de não serem compreendidos. A transmissão do texto era indissociável de uma cadeia ininterrupta de relações diretas, pessoais.

É a luz da apresentação que Hajnal nos faz da escrita medieval que se pode compreender melhor a opinião de Santo Tomás de Aquino sobre os motivos pelos quais Sócrates e Cristo, embora fossem mestres, não quiseram confiar seus ensinamentos à escrita. É na questão 42 da terceira parte do Summa Theologica (isto é, o livro de texto de Teologia) que Aquino pergunta: “Utrum Christus debuerit doctrinam Suam Scripto tradere?” Por isso, Aquino rejeita a idéia do aluno como uma página a ser escrita — uma tábula rasa. Diz ele:

Respondo dizendo que estava certo que Cristo não confiasse à escrita seus ensinamentos. Primeiro, por causa de sua própria

dignidade; pois quanto mais excelente o mestre, tanto mais excelente sua maneira de ensinar deve ser. E, portanto, estava certo que Cristo, como o mais excelente dos mestres, adotasse a maneira de ensinar pela qual sua doutrina ficasse impressa no coração de seus ouvintes. Por essa razão se diz em São Mateus VII, 29, que “Ele os ensinava tendo, para fazê-lo, autoridade...” Por essa razão, mesmo entre os pagãos, Pitágoras e Sócrates, que eram mestres de alta excelência, nada quiseram escrever. (AQUINO, citado por MCLUHAN, 1972, p. 143)

Ainda afirma Mcluhan (1972), se a própria escrita medieval não tivesse estado tão próxima do modo oral de ensinar, a idéia da forma escrita como simples tecnicidade, e não ensino, não teria sido sequer plausível. No mundo moderno a palavra escrita tornou-se uma ansiedade do homem. Hoje escreve-se, imprime-se e lê-se mais do que na Antiguidade. Mas sabe-se também que uma nova tecnologia elétrica ameaça a antiga tecnologia construída sobre o alfabeto fonético. A tecnologia elétrica parece favorecer a palavra falada e não a palavra escrita. Os valores ocidentais, baseados na palavra escrita, têm sido consideravelmente afetados pelos meios elétricos como o telefone, a televisão, o rádio e a internet.

Segundo Mcluhan (1972), talvez, aí esteja a dificuldade que muitas pessoas letradas encontram em analisar essa questão sem evitar o medo das mudanças advindas da influência de uma nova tecnologia em relação a outra. É importante destacar que o homem ocidental, em mais de dois mil anos de cultura escrita, realizou muito pouco para estudar e entender as conseqüências do alfabeto fonético, responsável pela criação de muitos de seus padrões básicos de cultura.

### **1.3 Os Hipertextos**

Os textos antigos começaram a ser impressos a partir do fim do século XV. O hipertexto, por exemplo, retoma e transforma antigas interfaces da escrita. A noção de interface não deve ser limitada às técnicas contemporâneas de comunicação. A impressão, por exemplo, à primeira vista é, sem dúvida, um operador quantitativo, pois multiplica as cópias. Mas representa também a invenção, em algumas décadas, de uma interface padronizada extremamente

original: página de título, cabeçalhos, numeração regular, sumários, notas, referências cruzadas.

Todos esses dispositivos lógicos, classificatórios e espaciais sustentam-se uns aos outros no interior de uma estrutura admiravelmente sistemática: não há sumário sem que haja capítulos nitidamente destacados e apresentados; não há sumários, índice, remissão a outras partes do texto nem referências precisas a outros livros sem que haja páginas uniformemente numeradas. Estamos tão habituados com essa interface que nem notamos mais.

No início dos anos 1960, os primeiros sistemas militares de teleinformática acabavam de ser instalados, e os computadores ainda não evocavam os bancos de dados e muito menos o processamento de textos. Foi, contudo, nessa época que Theodore Nelson inventou o termo hipertexto para exprimir a idéia de escrita/leitura não-linear em um sistema de informática.

Tecnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, seqüências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa, portanto, desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira. (LÉVY, 2002, p. 33)

Hoje, portanto, não encontramos hipertextos universais, mas sim sistemas de porte modesto, voltados para domínios particulares, como a edição de obras de característica enciclopédica em CD-ROM (o compact disc digital), o aprendizado e diversos programas de auxílio ao trabalho coletivo.

Ao acompanhar a história do computador pessoal, vê-se que "a criação técnica pode ser pensada dentro do modelo da interpretação e da produção de sentido, que, por sua vez, remete a uma teoria hipertextual da comunicação" (LÉVY, 2002, p. 19).

## 1.4 A Era Digital

O primeiro computador, o Eniac dos anos 40, pesava várias toneladas. Ocupava um andar inteiro em um grande prédio, e para programá-lo era preciso conectar diretamente os circuitos, por intermédio de cabos, em um painel inspirado nos padrões telefônicos. Nos anos cinquenta, programava-se os computadores transmitindo à máquina instruções em código binário através de cartões e fitas perfuradas. Os cabos ainda existiam, mas recolheram-se no interior da máquina, cobertos por uma nova pele de programas e dispositivos de leitura.

Na América do Norte, desde 1990, cogitava-se a possibilidade de conectar todos os lares com cinco canais bidirecionais de banda larga. O assinante da RDSI (rede digital de serviços integrados, chamada de RNIS ou rede Numéris na França) poderia, então, receber certas cadeias de televisão de alta resolução, outras tantas cadeias de rádio de alta fidelidade, usar um videofone que transmitiria perfeitamente a voz e o rosto do usuário, transferir um grande volume de dados informáticos, transmitir um fax e imagens coloridas com alto grau de precisão.

O assinante poderia ainda usar os serviços de uma central inteligente de recados, uma combinação dos princípios da secretária eletrônica (mas com discriminação dos correspondentes) e do correio eletrônico (mas com a voz no lugar do texto). Uma conexão portátil permitiria ao assinante receber as mensagens a ele destinadas em qualquer lugar do planeta em que o RDSI possuísse ramificações.

A circulação nas redes que precederam a RDSI era restringida pela natureza dos suportes físicos e suas limitações quantitativas. Hoje existe um canal tão largo que não se tem ainda idéia do tipo de obras, de formas culturais, de agenciamentos de representações que poderiam circular nele, nem sobre os gêneros de interação que deveriam acompanhar essas formas.

No Brasil, a história da internet começou em 1991, com a Rede Nacional de Pesquisa (RNP), que era uma operação acadêmica subordinada ao Ministério de Ciência e Tecnologia (MCT). No dia 20 de dezembro de 1994, a EMBRATEL lança o serviço experimental a fim de conhecer a internet; porém, somente em 1995 foi possível a abertura da internet ao setor privado para exploração comercial da população brasileira, por iniciativa do Ministério das Telecomunicações e do Ministério da Ciência e Tecnologia,.

Hoje o avanço tecnológico faz com que novos caminhos sejam traçados, principalmente na transmissão e recepção de mensagens, pois conviver com os paradoxos do espaço cibernético, de forma consciente, abre vários caminhos no campo do saber, principalmente em relação à educação. Lévy (2002) mostra a importância de perceber que paradigmas cognitivos tradicionais são quebrados à medida que há uma nova identificação do sujeito com o coletivo. O tempo digital muda as relações lingüísticas.

Desse modo, acrescenta Lévy (2002), o terminal de informática ou a televisão dos anos 1980 lembram, em muitos aspectos, os livros do século XII: são pesados, enormes, acorrentados por seu cabo de força. A mobilidade e a leveza do livro de bolso, a portabilidade do rádio transistorizado ou do *walkman* poderiam abrir todo um novo campo de utilizações e apropriações para eles. Grandes telas planas serão penduradas em paredes. Anotações, hoje, por exemplo, podem ser feitas em um documento com uma caneta óptica no metrô, graças a um pequeno terminal ultraleve, sem fio, que uma conexão do RDSI, ligada em local próximo, irá alimentar através de microondas.

A comunicação escrita incita os enunciadores a construir mensagens que sejam o mais independentes possível das circunstâncias particulares de sua emissão e recepção. É importante persuadir e produzir uma resposta do receptor e, segundo afirma Lévy (2000), a cibercultura possibilita ao emissor e ao receptor da mensagem partilhar o mesmo contexto, a mesma mensagem conectada a outras, o mesmo hipertexto, embora, muitas vezes, de forma caótica.

Nesse imenso hipertexto, a legitimidade do emissor se dilui na conexão e na interação dos múltiplos receptores, também emissores. Lévy (2000) afirma que lidar com a cultura do ciberespaço é lidar com a quebra da linearidade, que trouxe complexidade e perplexidade aos vários campos do saber, principalmente à educação, quebrando paradigmas e instaurando uma nova identificação do sujeito com o coletivo.

Portanto a interação do ciberespaço vem transformando as relações de tempo e espaço, o que tornam irrelevantes distância e tempo de comunicação. A tecnologia expande a capacidade humana de armazenamentos de informações, todavia requer o desenvolvimento de habilidades para a articulação e uso dessas informações, sobretudo no que se refere à produção de um gênero textual adequado à situação sociocomunicativa.



## 2 GÊNEROS TEXTUAIS: NOÇÕES E DIFERENÇAS

Artigos, entrevistas, notícias, receitas culinárias, romances, crônicas, texto eletrônicos, bate-papos por computador e tantos outros constituem os gêneros textuais — textos empiricamente produzidos e situados no tempo e no espaço. Trabalhos desenvolvidos no campo da Teoria da Enunciação, da Lingüística Textual e da Análise do Discurso têm se preocupado em precisar a que enfoque do domínio da linguagem a noção de gênero textual se refere, e, ao fazê-lo, acabam fornecendo elementos que delimitam a noção de tipo textual.

A fim de esclarecer o modo como funciona o conceito de gênero, Luiz Antônio Marcuschi (2000) faz um levantamento de um conjunto hipotético de realidades empíricas que possam retratar as condições de funcionamento de alguns dos gêneros nas esferas de atividades sociais, bem como examinar os possíveis traços lingüísticos que podem se manifestar na constituição textual dos gêneros.

Ele acrescenta que os gêneros<sup>1</sup> não existem objetivamente como um dado, mas se constroem na interação comunicativa e são fenômenos contextualmente situados. Além disso, afirma que os sujeitos, em seus processos interlocutivos, para tomar decisões acerca do processamento do texto (recepção e produção) pertencente a um dado gênero, orientam-se por um saber social, um saber intuitivo, construído na esfera das relações sociocomunicativas com as quais interagem. Portanto, para Marcuschi (2002), a definição de gênero textual é de natureza sociocomunicativa.

É importante salientar a noção de gênero proposta por M. Bakhtin em 1953: “a cada tipo de atividade humana que implica o uso da linguagem correspondem enunciados particulares: os *gêneros do discurso*”.

Enquanto os gêneros são relativamente estáveis, os textos que os materializam são extremamente variáveis e maleáveis, o que torna difícil a sua classificação.

---

<sup>1</sup> Vale ressaltar que o lingüista brasileiro Marcuschi denomina de *gêneros textuais* a noção de gênero que o lingüista russo, Bakhtin chama de *gêneros discursivos*. Será adotada a denominação de Marcuschi — “gêneros textuais”.

Assim, como cada situação de uso da língua se realiza verbalmente através de um gênero, pode-se concluir que a capacidade de comunicação depende do maior ou do menor domínio que se tem do gênero em questão.

A multiplicidade de gêneros e a imprecisão quanto à sua classificação levam os aprendizes a uma certa dificuldade para controlar as habilidades comunicativas destinadas à produção de um gênero numa determinada situação de comunicação. A narração, por exemplo, aparece como tipo principal nos gêneros romance, novela, conto. Entretanto, pode também surgir como um tipo menor ou secundário nos gêneros enciclopédia, monografia.

Maria Teresa Serafini, (1995) apresenta algumas propostas de redação para vestibular como sendo gêneros textuais das redações. Ela afirma que a maior parte dos títulos refere-se a dissertações exigindo a elaboração de informações de atualidade ou está ligada a temas discutidos na escola. Aparecem, ainda, os títulos que levam o aluno a se exprimir, a escrever de modo liberador, como:

Quem sou eu? (FMU-FIAM); Quando... (ITA); Se eu fosse... (ITA); Minhas mãos (ITA); 'Se eu tivesse dinheiro e consentimento de quem me manda, faria agora uma viagem à Europa' (Rachel de Queiroz). E você? (AEU-DF)". (SERAFINI, 1995, p. 103)

Confirma-se, desse modo, que a redação no vestibular testa sobretudo a capacidade de escrever textos argumentativos, próprios das dissertações; quase não se dá espaço às brincadeiras e à diversão que a escrita pode proporcionar. Pode-se concluir que, para Serafini, o conceito de gênero textual não se aplica ao estabelecido por Bakhtin, Marcuschi e outros estudiosos.

Marcuschi (2002) parte da idéia de que a comunicação verbal só é possível por meio de algum gênero textual. Essa posição defendida por Bakhtin (2002) é adotada pela maioria dos autores que tratam a língua em seus aspectos discursivos e enunciativos, e não em suas peculiaridades formais. Percebe-se, assim, uma noção de língua como atividade social, histórica e cognitiva, que privilegia a natureza funcional e interativa, e não o aspecto formal e estrutural da língua.

Jane Quintiliano G. Silva (1999) cita uma reflexão bakhtiniana sobre a noção de gênero discursivo, que reporta ao funcionamento da língua em práticas comunicativas reais e concretas, construídas por sujeitos que interagem nas esferas das relações humanas e da comunicação.

É no interior dessas esferas, correspondentes às instâncias públicas e privadas do uso da linguagem, que se elaboram os gêneros discursivos, para responderem às necessidades sociointerlocutivas dos sujeitos que nelas se inter-relacionam. Dada a diversidade das relações (inter e intra) socioculturais dos grupos sociais, os gêneros discursivos são múltiplos, heterogêneos, os quais, se abordados sob um ponto de vista teórico-metodológico, situam-se em um sistema *continuum* de situações discursivas, em cujas extremidades estariam, de um lado, a conversação espontânea e, de outro, os artigos de vulgarização científica. (SILVA, 1999, p. 92)

Para Bakhtin (1992), quaisquer que sejam a extensão, o conteúdo semântico, os recursos lingüísticos e a sua composição estrutural, o discurso, materializado na forma de texto apresenta características que lhe são geralmente comuns, moldadas pelas regras do funcionamento dos gêneros. Estas, por sua vez, são articuladas no interior da interação das esferas das relações sociais, ou seja, cada esfera do uso da língua (cotidiana ou não) potencializa os seus próprios gêneros, determinando as formas genéricas e relativamente estáveis de manifestação dos discursos no que se refere aos aspectos temático, estilístico e composicional.

Assim, exemplifica Silva (1999), um bate-papo possui regras (pragmáticas, textuais e lingüísticas) de funcionamento diferentes de uma entrevista para fins de trabalho, que, por sua vez, difere das de um comício em praça pública, uma palestra, uma aula, um e-mail, um bate-papo virtual etc. Isso mostra que, mesmo não dominando tais gêneros e não convivendo com eles como interlocutores imediatos, sabemos reconhecê-los e identificar a diferença entre eles.

Exemplo de uma mensagem enviada por e-mail

Assunto: Material de Floripa

Queridos Mestrandos e Mestrandas. Boa tarde

Anexo material das apresentações aos alunos em Floripa. Não é o mesmo de vocês, mas como não tive acesso porque não os acompanhei, estou enviando esse. Espero que possa ajudá-los na dissertação e nos contatos com a equipe Oriente (da orientação).

Abraços, (Segunda-feira, 16 de julho de 2001 13:59)

Na mensagem acima, pode-se afirmar que o discurso está contextualizado, por isso é possível atribuir-lhe o sentido de enunciação; é um gênero textual, em que a competência discursiva está presente na construção de um texto coeso, coerente e adequado à situação comunicativa.

Cada esfera da atividade humana conhece seus gêneros, apropriados à sua especificidade cujos enunciados refletem a sua finalidade, através de determinados estilos verbais, de seus conteúdos e, sobretudo, por sua construção composicional. Os enunciados e o tipo a que pertencem são, para Bakhtin (1992), as correias de transmissão que levam a história da sociedade à história da língua.

Cada época e cada grupo social têm seu repertório de gêneros discursivos que funciona como espelho que reflete e refrata a realidade. A palavra é a revelação de um espaço no qual os valores fundamentais de uma sociedade se explicitam e se confrontam. (CASTRO; SOUZA, 1997, p. 14).

Para Bakhtin (1992), as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É, portanto, claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de transformações sociais.

Assim, pode-se afirmar que os enunciados produzidos nas salas ou canais de bate-papos, por exemplo, apresentam estruturas composicionais e organizacionais comuns à linguagem oral e à linguagem escrita, justamente pelo fato de se processarem através de um suporte específico — o computador — que predetermina suas condições de produção/construção. Para se compreender isso, é necessário considerar que o enunciado é apenas um dos elos do intercâmbio comunicacional que ali ocorre, e sua produção acontece

dentro dos limites e das possibilidades da programação do sistema eletrônico-digital que o gera. (HILGERT, 2001).

No caso da palestra, por exemplo, pode-se observar que a interação verbal se processa pelo sujeito enunciador para, somente depois de concluída a sua formulação, ser transmitida aos interlocutores-ouvintes.

A respeito da aquisição e do domínio dos gêneros discursivos por parte dos sujeitos, Bakhtin (1992) afirma:

As formas da língua e as formas de enunciados, isto é, os gêneros do discurso, introduzem-se em nossa experiência e em nossa consciência conjuntamente. [...] Aprender a falar é aprender a estruturar enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, menos ainda, é óbvio, por palavras). Os gêneros do discurso organizam nossa fala da mesma maneira que a organizam as formas gramaticais (sintáticas). Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras pressentir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume (extensão aproximada do todo discursivo), a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim, ou seja, evidenciará suas diferenciações. Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível. (BAKHTIN, 1992, p. 302)

Exemplo de algumas práticas de comunicação existentes na sociedade, citados por Silva (1999):

Exemplos: “No telefonema de hoje...”, “o editorial desse jornal...”, “A aula de hoje será sobre...”, “o horóscopo de hoje...”, “era uma vez...” (abertura de histórias ficcionais, conto de fadas), “Conhece aquela do caipira...” (piada), “Tome dois quilos de açúcar e adicione...” (receita), “Prezado senhor” (abertura de uma carta), “eu o condeno a cinco anos de prisão...” (julgamento em tribunal), “— Alô, quem está falando?...” (telefonema). (SILVA, 1999, p. 94)

Alguns fatores orientam o modo como o discurso se materializa no texto e resultam numa atividade pertencente a um dado gênero: (a) abordagem do tema, variável conforme as esferas da comunicação verbal; (b) arranjo esquemático (global) em que o conteúdo semântico se assentará; (c) modos de

organização discursivos, ou seja, atualização da narração, da descrição etc.;  
(d) seleção dos recursos lingüísticos — o estilo.

Bakhtin (1992), citado por Silva (1999), distingue os gêneros em dois conjuntos: gêneros primários e gêneros secundários, que correspondem a um espectro diversificado dos usos oral e escrito da língua. Os gêneros primários constituem situações discursivas construídas em instâncias privadas, ou seja, em esferas cujas atividades estão vinculadas às experiências cotidianas e/ou íntimas: a conversação espontânea, produzida no âmbito familiar ou entre amigos, cartas pessoais, bilhetes, diário, anotações particulares em agenda, convites informais (escritos ou orais) etc.

Já os gêneros secundários são aqueles que aparecem em situações discursivas construídas em instâncias públicas, ou seja, em esferas cujas atividades socioculturais têm um caráter relativamente mais formal, tais como: conferências, palestras, entrevistas, assembléia e reunião em geral, aula, cultos religiosos, textos da Bíblia, orações, sermões, cartas comerciais e documentos similares, atas de reuniões, relatórios, formulários burocráticos, biografias, autobiografia, documentos e ritos jurídicos, documentos legislativos, receitas culinárias e médicas, editorial, reportagens, notícias, propagandas de modo geral, romance, contos, crônicas, lendas, fábulas, poema, teatro, novela, artigos de divulgação científica, tese, monografia etc.

O e-mail, como atribui Marcuschi (2001), pode ser considerado um gênero primário, pois é uma mensagem descontraída e voltada para a oralidade. No ambiente interativo, a comunicação cotidiana é alterada pelos sujeitos, que propõem e impõem outras combinações aos gêneros, já que conhecem intuitivamente ou não a relação entre o uso da linguagem (funcionamento dos gêneros) e o espaço interacional, embora não dominem todos os recursos lingüísticos com os quais lidam.

A distinção entre gêneros e tipos textuais, apresentada por Marcuschi (1995) e citado por Silva (1999), traz uma definição que permite entender as diferenças. Essa distinção é fundamental para a produção e a compreensão textual:

- a. A expressão *tipo textual* é usada para designar uma espécie de construção teórica definida pela *natureza lingüística* de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção.
- b. A expressão gênero textual é usada como uma noção propositalmente vaga para se referir aos textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são poucos, os gêneros são inúmeros: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, *outdoor*, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversaçãõ espontânea, conferência, carta eletrônica (e-mail), bate-papo por computador (chat), aulas virtuais, telemensagens etc.

Os estudos teóricos voltados para o estabelecimento de tipologias textuais operam com uma noção de tipo de texto cuja significação, funcionalidade e aplicabilidade diferem entre si. Um exemplo é o estudo do alemão Dimter (1981, citado por Marcuschi, 1995), que indica a existência de 1.666 tipos textuais, redutíveis a cerca de 500 formas básicas representativas dos textos concretos produzidos pela sociedade. Seguindo, de certa maneira, essa mesma vertente, há tipologias, como as elaboradas por Werlich (1975, citado por Isenberg 1987); Adam (1987,1991), Fávero & Koch (1987) e Van Dijk (1983), as quais, apesar das diferenças, apontam cinco tipos textuais, nomeados tradicionalmente de narração, dissertação (expositiva), argumentação, descrição e injunção.

A noção de tipo textual assume um caráter de um construtor teórico, projetado basicamente para pensar o funcionamento do texto em termos de sua estruturação interna, na qual se imbricam vários planos, tais como o macroestrutural (semântico global) em sua relação com o esquema

superestrutural. Figura como uma categoria multifacetada de análise, por recobrir e designar fenômenos bastante diversos quanto à natureza e ao funcionamento do texto.

No processo de composição, um texto pode não se apresentar em estado puro. Podem interpolar-se, num único texto, o descritivo, o narrativo e o dissertativo. Para Silva (1999), o que parece mais prudente e apropriado é considerar a narração, a argumentação e/ou a injunção etc. como tipos de operações textual-discursivas (tipos textuais ou modos de organização discursivos), que se podem atualizar na configuração textual da carta, entrevista, diário etc.

Numa carta e/ou numa entrevista, por exemplo, podem figurar tipos textuais como narração, injunção, descrição e dissertação/argumentação, como operações textual-discursivas, atualizadas pelo locutor, objetivando provocar em seu interlocutor a resposta desejada. É muito comum que o entrevistado ou o entrevistador, na atividade de formulação do texto, agencie várias operações textual-discursivas, tais como, contar, relatar um fato ou descrevê-lo, para ilustrar o que está sendo dito, bem como refletir (sobre), comentar o que está sendo enunciado não só para convencer ou persuadir o interlocutor, como também para oferecer-lhe pistas que lhe permitam construir um sentido para o texto.

No romance, um dos gêneros do discurso literário, pode aparecer em sua estrutura composicional vários tipos textuais: a narração, para relatar os acontecimentos, os fatos e a progressão das ações dos personagens, as ações praticadas por elas, o cenário em que as ações estão se realizando; a dissertação/argumentação para comentar, avaliar as ações dos personagens, seus sentimentos e atitudes. Tal teoria pode ser constatada a seguir, no fragmento da obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis:

la entrar na sala de visitas quando ouvi proferir o meu nome e escondi-me atrás da porta. A casa era a da Rua de Matacavalos, o mês novembro, o ano é que é um tanto remoto, mas eu não hei de trocar as datas à minha vida só para agradar às pessoas que não amam histórias velhas; o ano era de 1857.



— Dona Glória, a senhora persiste na idéia de meter o nosso Bentinho no seminário? É mais que tempo, e já agora pode haver uma dificuldade.

— Que dificuldade?

— Uma grande dificuldade.

Minha mãe quis saber o que era. José Dias, depois de alguns instantes de concentração, veio ver se havia alguém no corredor; não deu por mim, voltou e, abafando a voz, disse que a dificuldade estava na casa ao pé, a gente do Pádua.

(MACHADO DE ASSIS, 1983, p. 19)

Nessa perspectiva, tipo textual é amplamente tomado como uma categoria que se presta a pensar e caracterizar o funcionamento de um dos planos constitutivos do texto — a estrutura interna da configuração textual.

Marcushi (2002) elaborou um quadro sinóptico para maior visibilidade das diferenças entre tipos textuais e gêneros textuais. As expressões “gênero textual” e “tipo textual” recobrem realidades distintas do funcionamento do discurso, o que, do ponto de vista teórico-metodológico, não impede que haja entre elas uma relação de entrecruzamento, para pensar e caracterizar como se manifesta o discurso no texto. Assim, afirma Marcuschi (1995), um tipo seria muito mais um constructo teórico, ao passo que um gênero seria uma identificação empírica, mas não necessariamente a identificação de um evento.

Tipos textuais	Gêneros textuais/discursivos
1. Constructos teóricos definidos por propriedades lingüísticas intrínsecas;	1. Realizações lingüísticas concretas definidas por propriedades sociocomunicativas ;
2. Constituem seqüências lingüísticas ou seqüências de enunciados e não são textos empíricos;	2. Constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas;
3. Sua nomeação abrange um conjunto limitado de categorias teóricas determinadas por aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas, tempo verbal;	3. Sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designação concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função;

4. Designações teóricas dos tipos: narração, argumentação, descrição, injunção e exposição.	4. Exemplos de gêneros: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, aula expositiva, reunião de condomínio, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa�o espontânea, conferência, carta eletrônica (e-mail), bate-papo virtual (chat), aulas virtuais.
---------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: MARCUSCHI, 2002, p. 23.

Não é difícil constatar que nos últimos dois séculos as novas tecnologias, em especial as ligadas à área da comunicação, propiciaram o surgimento de novos gêneros textuais. Por certo, não são propriamente as tecnologias que dão origem aos gêneros, mas a intensidade do uso dessas tecnologias e suas interferências nas atividades comunicativas diárias.

Segundo Marcuschi (2002), como os grandes suportes tecnológicos da comunicação têm uma presença marcante nas atividades comunicativas da realidade social que ajudam a criar, eles abrigam outros gêneros bastante característicos. O rádio, a televisão, o jornal, a revista, a internet geraram formas discursivas novas, tais como editoriais, artigos de fundo, notícias, telefonemas, telegramas, telemensagens, teleconferências, videoconferências, reportagens ao vivo, cartas eletrônicas (e-mails), bate-papos virtuais, aulas virtuais e assim por diante.

Pode-se afirmar que esses novos gêneros não são inovações absolutas, uma vez que se baseiam em outros gêneros já existentes. Isso já fora notado por Bakhtin (1992), que falava na ‘transmutação’ dos gêneros e na assimilação de um gênero por outros. A tecnologia favorece o surgimento de formas inovadoras, mas não absolutamente novas.

O telefonema apresenta similaridade com a conversa o que lhe preexiste, mas que, pelo canal telefônico, realiza-se com características próprias. Daí a diferença entre uma conversa o face a face e um telefonema, com as estratégias que lhe são peculiares. O e-mail gera mensagens eletrônicas, que

têm nas cartas (pessoais, comerciais etc.) e nos bilhetes os seus antecessores. Contudo, as cartas eletrônicas são gêneros emergentes na mídia virtual.

Depois dos estudos feitos por Bakhtin (1992), os estudos sobre gêneros têm sido atualizados com uma classificação (ou listagem, Marcuschi, 2001) mais aberta, visto que a noção de gênero tem sido aplicada a todos os conjuntos de produção verbal, quer seja oral, quer seja escrita. Disso resulta que qualquer espécie de texto pode ser designada em termos de gênero, portanto todo exemplar de texto observável pode ser considerado como pertencente a um determinado gênero.

É importante considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação às sociedades que antecederam a comunicação escrita. Os gêneros textuais são fenômenos profundamente vinculados à vida cultural e social e contribuem para ordenar e estabilizar as atividades sociocomunicativas do dia-a-dia.

Marcuschi (2002) afirma:

Uma simples observação histórica do surgimento dos gêneros revela que, numa primeira fase, povos de cultura essencialmente oral desenvolveram um conjunto limitado de gêneros. Após a invenção da escrita alfabética, por volta do século VII a. C., multiplicam-se os gêneros e surgem os tipos de escrita. Numa terceira fase, a partir do século XV, os gêneros ampliam-se com o florescimento da cultura impressa para, na fase intermediária de industrialização iniciada no século XVIII, dar início a uma grande expansão. Hoje, em plena fase da denominada cultura eletrônica, com o telefone, o gravador, o rádio, a TV e, particularmente o computador pessoal e sua aplicação mais notável, a internet, presenciamos uma explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação, tanto na oralidade como na escrita. (MARCUSCHI, 2002, p. 19).

Para Bakhtin (1992), citado por Silva (1999), os modos discursivos ou tipos textuais, assumem formas e funções variáveis e específicas, dada a natureza do gênero a que pertence o texto:

...“gênero discursivo” é uma designação que diz respeito a todas e quaisquer manifestações concretas do discurso produzidas pelos sujeitos em uma dada esfera social do uso da linguagem. Os gêneros são formas de funcionamento da língua que nós, sujeitos, construímos e atualizamos na forma de texto, nas situações discursivas de que participamos. São fenômenos contextualmente situados, (re)conhecidos de maneira empírica, pois sabemos o que é uma carta, um bilhete, um e-mail, uma piada, um bate-papo presencial ou virtual, uma história, um caso, uma notícia, uma missa etc., já que convivemos com essas formas de interlocução em nossa sociedade. (SILVA, 1999, p. 104)

Segundo Bakhtin (1992), o que determina a palavra é que ela procede de alguém e se dirige para alguém. Porém, é preciso que se leve em conta a interação sócio-hierárquica que permeia a relação entre os interlocutores na esfera de uma determinada comunicação verbal. Ter um destinatário é uma particularidade constitutiva do enunciado, sem o qual ele não existe, pois toda expressão lingüística está orientada para um outro — o que permite pressupor que irão definir a própria situação da enunciação e o repertório dos gêneros discursivos no momento de toda e qualquer interlocução.

Um outro elemento fundamental para Bakhtin (1992) na constituição dos sentidos da parte verbal da enunciação consiste justamente na sua parte extraverbal, ou seja, todo enunciado concreto, como um todo significativo, compreende duas partes: uma percebida e realizada em palavras, e outra subentendida, que é presumida pelos interlocutores. O discurso verbal nasce, portanto, de uma situação extraverbal e está intimamente conectado a essa situação que o engendrou, não podendo dissociar-se do social sob pena de perder sua significação.

Três aspectos da parte extraverbal da enunciação são fundamentais para Bakhtin (1992) na constituição do sentido dos enunciados: o *espaço* e o *tempo* no qual ocorre a enunciação (onde, quando e a unidade do que é visível pelos interlocutores no momento da interação verbal); o *objeto* ou *tema* sobre o qual ocorre a enunciação (aquilo de que se fala); a *valoração* (a atitude dos falantes diante do que ocorre).

Pode-se afirmar que todo e qualquer enunciado depende diretamente desses fatores que dão sustentação ao que é dito. Que peculiaridades assumem esses fatores no contexto das mensagens produzidas e enviadas por e-mails? Como compreender as categorias de espaço e tempo nessa nova esfera da comunicação humana? Em que medida o objeto da comunicação discursiva se entrelaça com os demais fatores?

Assim como Bakhtin (1992), considera-se que cada ato de fala conta com algo que se refere ao horizonte espacial e ideacional dos falantes, portanto é presumido por eles. De que maneira esse horizonte é definido pelos interlocutores dos e-mails no momento de se efetivar a comunicação, já que se encontram num outro nível de corporeidade e não compartilham de uma unidade espacial que lhes é visível? Que pistas perseguem no intuito de compreender o enunciado do outro, dando continuidade à cadeia interlocutiva?

Essa é uma questão que vale ser aprofundada uma vez que não existe ainda uma resposta definitiva, porque se está lidando com uma ciência em constante mudança e interação. Porém, de qualquer forma, essa interação só é possível de se processar via palavra, ou seja, na e pela linguagem que se dá num “jogo” estabelecido entre locutor e interlocutor, ouvinte e leitor, tópico e discurso, enunciado e enunciação.

Todas as considerações até aqui apresentadas são reflexões em torno da teoria enunciativa da linguagem de Bakhtin. Isso permite não apenas conceber o e-mail como uma produção de linguagem, mas também indica o possível surgimento de um novo espaço de enunciação, de um gênero textual/discursivo, que se funde nos gêneros primários e secundários entre si, num mesmo suporte físico — o computador, cujo resultado é um gênero do discurso.

Os gêneros textuais mais tradicionais, presentes na sociedade letrada, alcançaram o espaço de produção do ensino. Também o e-mail já está consagrado como o meio mais rápido e eficaz de comunicação da vida

contemporânea. Refletir sobre uma possível apropriação deste gênero pelo contexto comunicacional é, pois, tarefa para o presente.

### 3 O E-MAIL: UM NOVO GÊNERO TEXTUAL

A revolução tecnológica do século XX provocou o surgimento de meios de comunicação cada vez mais velozes e acessíveis inclusive às classes menos privilegiadas. A palavra escrita, segundo Marcos Bagno (2000) deixou de ser veículo exclusivo de transmissão de informações, conhecimentos, ideologias e de manipulação das massas. O rádio, a televisão, o cinema, a câmara fotográfica, o gravador, o toca-discos, o videocassete, o CD-player, o DVD, dispensam o conhecimento até mesmo da escrita, uma vez que recorrem ao som e/ou à imagem (estática ou em movimento), com seu poder de comunicação e persuasão muito mais imediato, graças ao apelo aos sentidos da visão, da audição e do tato. A esses veículos acrescenta-se a internet, com todos os seus recursos disponíveis para que a comunicação se efetue.

Hoje não se pode desconsiderar as descobertas e as elaborações da lingüística contemporânea no que se refere à oralidade e à variedade lingüística, que ficam excluídas das práticas pedagógicas quando não claramente contestadas como impróprias. O mesmo ocorre com as funções da linguagem e com os processos de coerência e coesão textual.

Vale lembrar que a escola prioriza a modalidade da língua padrão escrita; no entanto, a prática escolar é essencialmente oral. Há poucas e maldirigidas atividades específicas de leitura e escrita. Há pouca reflexão sobre o que se escreve ou nenhuma atividade de reescritura de textos.

Luiz Percival Leme Britto (2002) assinala:

A prática escolar, quando não é totalmente oral, é intermediada por um tipo de literatura, seja de informação ou de ficção, em que se identifica uma forte tendência à sintaxe da oralidade e simplificação na exposição dos objetos, fenômenos, fatos que se pretende ensinar. A prática de produção de texto, por sua vez, se relaciona com a apresentação da norma, com destaque para a correção dos erros limitados de ortografia, concordância e regência. Efetivamente, ensina-se redação apenas para fixar a norma, ainda que nem sempre se assuma explicitamente esta perspectiva. (BRITTO, 2002, p. 108)

Não há como ignorar que o texto produzido no computador é muito mais rico em comparação com os textos de um vestibulando, por exemplo, que muitas vezes trabalha com um modelo padronizado, que não provoca reflexão sobre o assunto e revela que, forçado a escrever, o vestibulando usa frases feitas, chavões e noções vagas sobre o assunto proposto para a argumentação, além de apresentar a tão criticada fragmentação dos e-mails e dos chats e problemas de ortografia.

#### Exemplo de texto de vestibulando

Assunto: A esperança de que a fome seja solucionada com o programa “Fome Zero”

O desemprego, a fome que n/ tem fim pois enquanto houver tudo isto sempre haverá obstáculos. É triste mora em um país que só vê desilusoes, pobreza. Conviver no meio da violência. Espero que o meu Brasil mude c/ o meu presidente na presidencia [...]

No exemplo acima, percebe-se que o produtor do texto enfrenta uma luta entre a produção do texto escrito e o domínio que tem em relação ao texto falado. Falta ao locutor a consciência de que um texto escrito implica operações mais complexas que a simples busca de palavras para expor a idéia sobre um determinado assunto. Verifica-se grande dificuldade em organizar as informações, comprometendo a clareza do texto.

É importante salientar que, para Bakhtin (1979) citado por Britto (2002), toda construção de sentido se faz através da interlocução, historicamente determinada.

O querer-dizer do locutor se realiza acima de tudo na escolha de um gênero do discurso. Esta escolha é determinada em função da especificidade de uma dada esfera da comunicação verbal, as necessidades de uma temática (do objetivo de sentido), do conjunto constituído de parceiros etc. Depois disso, o intuito discursivo do locutor, sem que este renuncie à sua individualidade e à sua subjetividade, adapta-se e ajusta-se ao gênero escolhido, compõe-se e desenvolve-se na forma do gênero determinado. Esse tipo de gênero existe sobretudo nas esferas muito diversificadas da comunicação verbal oral da vida cotidiana (inclusive em suas áreas familiar e íntima). (BAKHTIN, 1979, citado por BRITTO, 2002, p. 172)



Vale ressaltar que na vida cotidiana — na família ou com amigos — qualquer enunciado considerado isoladamente é individual, mas cada esfera da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, e a isso se denomina gênero textual. Desse modo, para Bakhtin (1979) citado por Britto (2002), nenhum fenômeno novo (fonético, lexical, gramatical) pode entrar no sistema da língua sem ser longamente testado e ter passado pelo acabamento do estilo-gênero.

...a língua como sistema estável de formas normativamente idênticas é apenas uma abstração científica que só pode servir a certos fins teóricos e práticos particulares. Essa abstração não dá conta, de maneira adequada, da realidade concreta da língua. [...] ignorar a natureza do enunciado e as particularidades de gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo lingüístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida. (BRITTO, 2002, p. 173)

Sabe-se que toda mudança vem acompanhada de alguma ou muita resistência, e isso pode ser comprovado na introdução do uso da informática como recurso didático. Muitos têm resistência pela falta de intimidade com a tecnologia. Aqueles que não dominam o computador criam tabus que impedem o uso da nova tecnologia na escola como ferramenta para que se possa explorar com mais recurso a produção de texto/sentido.

Desde Saussure, está claro para os que estudam a língua sem preconceitos, que a forma essencial da linguagem humana é a fala. Então, pode-se aceitar que o e-mail é um gênero textual que consiste em passar uma comunicação rápida para uma ou mais pessoas, que usam como suporte o computador conectado à internet. Como mídia para transmitir e receber informações, o e-mail é semelhante à carta e ao bilhete. Pode-se enviar simultaneamente o mesmo e-mail para um número indeterminado de pessoas, mas não se pode enviar a mesma carta para várias pessoas ao mesmo tempo; pode-se enviar apenas o mesmo conteúdo.

Assim como acontece na carta, as mensagens enviadas por e-mail também seguem os critérios adequados à boa comunicação e ao objetivo que se quer

alcançar. Porém, vale ressaltar que a distância do interlocutor pode influenciar na escolha de um dos dois gêneros textuais. Normalmente o interlocutor de uma carta está distante (em relação ao bairro, cidade, país, estado), já o interlocutor do e-mail pode estar distante ou bem próximo (na mesma empresa, no mesmo andar etc.).

No caso das mensagens enviadas por e-mail, o que conta é a rapidez. Esse aspecto faz com que a linguagem empregada apresente algumas diferenças em relação à carta tradicional, tais como abreviações, sinais de pontuação com bastante proximidade da fala e os *emoctions*. O e-mail utiliza diferentes tipos de letras, negritos, diferentes tamanhos de fontes, cores, imagens, ícones, links — o que possibilita que de uma leitura se pule para outra, numa verdadeira rede de textos, o que, se não é novo, é mais evidente e rápido. Para Carla Viana Coscarelli (2002), as abreviações estão tão contextualizadas que não há problemas para que o interlocutor decifre a mensagem, o conteúdo daquilo que o locutor quer transmitir.

Segundo Britto (2002), o conhecimento lingüístico é consequência da experiência social e do acesso aos bens sociais, e não da aprendizagem de uma metalinguagem. É vivenciando uma prática significativa que se aprendem simultaneamente o vocabulário próprio dessa prática e o universo de referências que o informa. Querer defender o contrário é o mesmo que supor a possibilidade de aprender a terminologia da clínica médica antes ou independentemente de aprender a própria clínica. Em outras palavras, "não se aprende uma linguagem técnica para poder acessar um conhecimento; ao contrário, é na convivência com o conhecimento que se adquire eventualmente o domínio de uma linguagem técnica" (BRITTO, 2002, p. 177).

Nesse sentido, é importante assinalar que a tecnologia por si só não pode mudar o ensino-aprendizagem da língua, mas vale pensar como a tecnologia pode mudar os papéis dos novos produtores de textos: professor/aluno/usuário. O texto sofre modificações na sua estrutura organizacional, que passa de uma seqüência linear definida pelo seu produtor para uma seqüência escolhida pelo leitor. Coscarelli (2002) afirma que o autor pode sugerir caminhos ao leitor, mas

é este quem decide o que ler e em que ordem ler, já que podem ocorrer mudanças nos recursos lingüísticos que estarão disponíveis para o escritor.

As novas tecnologias trazem mudanças não só na estrutura e na organização textual, como também na linguagem usada para a produção de novos gêneros de texto. Recursos como ícones e outros tipos de indicação passam a fazer parte desses novos gêneros de texto, que podem ser resumidos em quatro grupos: o e-mail, a multimídia, o hipertexto e a hipermídia (Coscarelli, 2002).

### **3.1 Caracterização do Gênero Textual E-mail**

O tamanho reduzido é a principal característica do e-mail, utilizado para troca de informações entre os usuários da internet. As formalidades são dispensadas, e mesmo as regras de pontuação, acentuação, ortografia, coesão e coerência textual são mais flexíveis. Esse gênero textual não só admite, mas exige um certo relaxamento em relação às regras da gramática tradicional.

Segundo o lingüista Marcos Bagno (2002), o ensino tradicional da língua quer que as pessoas falem sempre do mesmo modo como os grandes escritores escreveram suas obras. Porém, quando o estudo da gramática surgiu, na Antiguidade Clássica, seu objetivo declarado era investigar as regras da língua escrita para poder preservar as formas mais “corretas” e “elegantes” da língua literária. Aliás, acrescenta Bagno, a palavra gramática, em grego, significa exatamente “a arte de escrever”. Infelizmente, hoje, essas mesmas regras da língua literária começaram a ser cobradas da língua falada, o que é um disparate científico sem tamanho!

As normas do texto dos e-mails, foram criados pelos próprios usuários e, com o tempo, transformaram-se no modelo de redação dos internautas. Esse modelo é chamado de *netiqueta*, ou seja, a etiqueta da rede, regras básicas e mundialmente aceitas que estruturam o comportamento das pessoas na internet. Não é nenhuma lei e, hoje, dificilmente o usuário segue tais regras.

Seguem-se dois exemplos de e-mail que confirmam essa afirmação:

O primeiro, *Conversa de amigo*, foi enviado em resposta a um outro e-mail sobre vírus. O interlocutor não retoma as idéias apresentadas pelo locutor, pois este já sabe o conteúdo da mensagem. Percebe-se que houve descuido de digitação, uso de palavras abreviadas e de linguagem chula, mas isso em nada denegriu o conteúdo da mensagem. A intimidade revela-se na coloquialidade do texto.

#### Exemplo de conversa de amigo

Oi Pxão!!!!

Lamento tá causando problema com meus emails! Já entrei em contato com o FDP do Gustavo. Interessante é q. no meu computador não acusou nada. Estou c/ muita saudade sua (afinal um amor não morre assim né?!).Estive na Faculdade outro dia e n/ão te vi.

b.jão Paulo

O segundo, *Comunicado aos professores*, mesmo se tratando de um e-mail formal, apresenta uma linguagem com características da fala; parece uma conversa com os professores durante uma reunião, porém é uma fala escrita. A mensagem é simples e objetiva.

#### Exemplo de comunicado aos professores

Caros professores,

Tomei a liberdade de enviar telefones e emails de vocês sem pedir "autorização". Acho que podem ser úteis para substituição, trabalhos interdisciplinares, etc.

O Fórum Nacional dos Professores mudou de data, provavelmente para "acomodar" o professor Nelson Traquina, da Universidade Nova de Lisboa. Será de 18 a 20 de abril, em Florianópolis.

Abs

Maria

Segundo Coscarelli (2003), a etiqueta de rede desenvolveu suas particularidades, pois cada pessoa tem as suas necessidades. Em primeiro lugar, as pessoas que se ligam na rede geralmente têm pouco tempo para

gastar formatando suas mensagens com maior cuidado. Caso o remetente precise fazer uma formatação mais complexa ou redigir uma carta maior, essa mensagem será anexada. Do mesmo modo é comum omitir saudações mais formais como “prezado senhor”, bem como os chavões, ainda comuns em algumas cartas tradicionais impressas, “sem mais para o momento”, “venho por meio desta”, “subscrevo-me”, etc., além da assinatura, pois o nome do remetente já consta no cabeçalho.

O grande volume de mensagens numa rede e a necessidade de melhorar a comunicação criou várias convenções tipográficas importantes. Muitos novatos pensam que só se deve usar letras maiúsculas para enfatizar alguma palavra, por isso cometerão um equívoco, pois um usuário mais experiente poderá responder “NÃO GRITE COMIGO” e ignorar o resto da mensagem.

Coscarelli (2003) menciona outra convenção: os símbolos chamados *smileys* ou *emoticons*, usados para indicar o contexto emocional do que se escreve. Por exemplo, se o locutor escreve algo que “ao vivo acompanharia de um sorriso para não ofender o outro”, no fim da sentença deve incluir o símbolo : - ) = ☺. Antes dos teclados mais modernos, era preciso girar a cabeça 90° para a esquerda a fim de decodificar um *smiley*. Há livros que tratam apenas sobre *smileys*. Os mais usados são:

: -)	sorriso, brincadeira
: -(	tristeza
; -)	piscadela
<b>X-P</b>	desgosto, nojo
; -I	neutro, não me comprometa
: -O	gritando, voz alta
<b>8-)</b>	sorriso (autor usa óculos)

As abreviações também são comuns em conferências (menos em correspondências particular) e geralmente são tiradas de frases em inglês. As mais usadas são:

IMHO	(in my humble opinion)	na minha humilde opinião
BTW	(by the way)	por falar nisso
ROTFL	(rolling on the floor laughing)	rolando de rir
RTFM	(read the !@#\$\$% manual)	leia a *&^%\$ do manual!
MOTOS	(member of the same sex)	membro do sexo oposto
MOTTS	(member of the same sex)	membro do mesmo sexo
TIA	(thanks in advance)	agradecimentos adiantados

Em relação às mensagens, algumas são consideradas deselegantes e de extremo mau gosto: propaganda, corrente, carta-circular não solicitada, especialmente para pessoas que você não conhece. Em certos casos o envio de uma mensagem desse tipo praticamente garante que o interlocutor irá receber milhões, às vezes, literalmente de mensagens iradas dos destinatários, como assinala Coscarelli (2003).

As mensagens eletrônicas podem ser classificadas como *flame* (alguém, irritado ou ofendido com alguma mensagem, responde às pressas e de cabeça quente) ou como *flame war* (tecladas com os remetentes de cabeça igualmente quentes). Nenhuma dessas mensagens é proveitosa uma vez que podem se prolongar por muito tempo, criando apenas desconforto para os interlocutores.

Um tipo especial de guerra de mensagens, segundo Coscarelli (2002), é a chamada *spelling war*, que tem início quando alguém resolve corrigir a grafia de um outro. Essa distração ortográfica, tanto nos e-mails quanto nos chats, é resultado da rapidez com que as mensagens são tecladas. É óbvio que o tempo para a revisão quase não existe, além de ser esse um problema que afeta a escrita.

### Exemplo de e-mail inadequado à língua padrão

Origem: Texto de um universitário de Comunicação Social no ambiente de trabalho.

Logicamente não e necessario me explecar pois sei o que e quando fazer sobre o trabalho que me foi colocado com rotina, mas sempre e importante entregar mesmo sendo uma 'rotina' pois se acontecer alguma coisa temos como provar. [...] Com relaçaõ do meu crescimento cabe a mim saber o que fazer, não e a facudade que vaz a pessoa mas sim ela proproa. [...]

Vale uma reflexão maior sobre este assunto para analisar o exemplo citado, haja vista que língua portuguesa não é só ortografia.

O imediatismo das mensagens eletrônicas muitas vezes pode levar o usuário desavisado ou impulsivo a publicar textos e respostas apressadas ou impensadas. Lembre-se que são todos seres humanos do outro lado da linha, e que a única característica que os outros têm para distinguir sua idade, aparência física, religião, princípios morais educação ou escolaridade são as mensagens que você publica. Este é o grande fator democratizante das redes; não o desperdice com bobagens. ([www.metalink.com.br](http://www.metalink.com.br), acessado em jan./1998 e citado por Coscarelli. 2002, p. 114).

A novidade introduzida pela internet foi a facilidade e a rapidez na troca de mensagens. O que demorava semanas para ir de um lugar a outro, hoje não gasta mais que alguns minutos. A demora dos correios tradicionais, por exemplo, tornava a comunicação lenta e até desmotivante. Com as novas tecnologias, as pessoas têm escrito muito, mas a forma de produção de textos mudou.

A respeito da mudança na produção de texto na internet, José Gaston Hilgert (2001) afirma:

... o próprio contexto de produção não estimula um interlocutor a estender-se em considerações mais longas, por não saber quem é o ouvinte, por não tê-lo diante de si fisicamente nem mesmo pela voz como é o caso da interação telefônica) e, em consequência, por este não lhe dar nenhum *feedback lingüístico* (*certo, concordo, sei, isso aí, de fato*), *paralingüístico* (*mhm, ahã*) ou *extralingüístico* (*gestos, mímicas, sorrisos*) quanto ao interesse que suas considerações estão despertando. Esses aspectos estão diretamente ligados ao fato

*de, na internet, a conversação se dar por escrito.*(HILGERT, 2001, p. 29)

### 3.2 A Ortografia nos E-mails e nos Textos da Internet

A língua portuguesa não é ortografia, mas é preciso ensinar a escrever de acordo com a ortografia oficial. No entanto, segundo Bagno (2002), não se pode fazer isso tentando criar uma "língua falada artificial" nem classificar como "erradas" as pronúncias que são resultado natural das forças que governam o idioma.

Seria mais justo e democrático dizer ao aluno que ele pode dizer *bunito* ou *bonito*, mas que só pode escrever *bonito* porque é necessária uma ortografia única para toda a língua, para que todos possam ler e compreender o que está escrito, mas é preciso lembrar que ela funciona como a partitura de uma música: cada instrumentista vai interpretá-la de um modo todo seu particular. (BAGNO, 2002, p.53)

A confusão que se faz entre ortografia e fonética é encontrada nos compêndios gramaticais, inclusive os mais recentes. Muitos deles classificam a ortografia como uma das subdivisões da fonética. Segundo Bagno (2002), isso é o mesmo que querer incluir os ursinhos de pelúcia na classe dos mamíferos carnívoros. A realidade lingüística não pode ser pautada apenas pelo ponto de vista da escrita.

A ortografia é fruto de um gesto político, é determinada por decreto, é resultado de negociações e pressões de toda ordem (geopolíticas, econômicas, ideológicas). No início do século XX o "certo" era escrever: *Em resposta a: NICTHEROY ELLE POUDE ESTUDAR SCIENCIAS NATURAES, CHIMICA e PHYSICA*. Se hoje o "certo" é escrever: *EM NITERÓI ELE PÔDE ESTUDAR CIÊNCIAS NATURAIS, QUÍMICA e FÍSICA*, isso não altera a sintaxe nem a semântica do enunciado: o que mudou foi só a ortografia. (BAGNO, 2002, p. 123)

Muitas vezes o produtor do texto foge das rígidas normas da língua escrita, e a despreocupação com as regras gramaticais faz das mensagens do e-mail uma simulação da informalidade da língua falada. Parece que, mesmo quando tem



mais tempo para escrever a mensagem, o locutor se descuida da língua-padrão.

### 3.3 Peculiaridades do E-mail

O e-mail e as mensagens recebidas e enviadas por computador são uma inovação lingüística, que já adquiriram o seu espaço. Por isso, é imprescindível destacar a importância de uma construção de texto pautado nas novas tecnologias, pois o texto deve ser adequado ao interlocutor, atingir os seus objetivos e manter o registro de linguagem escolhido pelo locutor.

A esse respeito Britto (2002) assinala que

...não basta pensar a língua como um código de descrição lingüística, visando dos alunos a variedade culta, de uma metalinguagem de análise desta variedade, com exercícios contínuos de descrição gramatical, estudos de regras e hipóteses de problemas que mesmo especialistas têm dificuldade para resolvê-los. (BRITTO, 2002, p. 123)

A influência da informática na escrita é inevitável, e qualquer atividade em que o uso da linguagem técnica é muito usada faz com que a comunicação não seja eficaz. Para alguns, o uso abusivo de jargões pode passar a imagem de competência profissional e até de autoridade. Possenti (1996), citado por Britto (2002, p. 121), defende que "o domínio efetivo e ativo de uma língua dispensa o domínio de uma metalinguagem técnica" [...]; é "perfeitamente possível aprender uma língua sem conhecer os termos técnicos com os quais ela é analisada".

Para aqueles que muito condenam a oralidade presente nos e-mails, Coscarelli (2002), ressalta:

Tanto nas comunicações síncronas (chats) quanto nas assíncronas (e-mail), as abreviações, os problemas de ortografia e acentuação, separação de sílabas, uso abusivo de interjeição e sinais de pontuação não podem denegrir a imagem da língua materna. Saber português ou qualquer outra língua não se restringe a saber ortografia e acentuação. Além

da tão valorizada ortografia, há que se destacar a sintaxe, a textualidade, os fatores pragmáticos, a discursividade, ou seja, a construção adequada do gênero textual. (COSCARELLI, 2002, <www.coscarelli.com.br>. Acesso em: 24maio2004)

Segundo a professora de lingüística da UFRJ, Teresa Cerdeira (2003), o jovem que é capaz de manipular a língua nos chats e blogs vai ganhar um grande potencial lúdico de linguagem. É importante que se perceba a riqueza da linguagem e que o maior empobrecimento não é tirar ou trocar letras de uma palavra, mas, sim, o empobrecimento da estrutura do texto.

#### Exemplo de um texto escrito em bloguês

Daew sua renca d gente estranha q visita meu blógue, belesma??? Uhuuh eu vow bem pacas, comessaram minhas provas hj e talz, geografia foi hj, mutuuuu facil, num deu nem graca faze uheuheue mtu bom, to estudando bastante e talvz, cabei d sai do banho, to xerosaummmm, pra estuda mais biologia mais tarde pq tah fodinha a prova ateh mas vamos nessa q eh bom abessa=D uhuh q veia essa mas vow indo e num c eskessam d olha marte a noite heim???!ijok kra di pipok, minha pekena preferida, t amu viu??? Mas vamos estuda mais mat pq o trosso tah feio, estude nega, ti amu bjaummm e bjus pra tds as otras guriahhhhsss tbm e pros cueca akele abraço por tras falowwww e comentemmmmm q=^D (Jornal Folha de São Paulo, 1ºset.2003, folhateen, p.5).

#### Tradução para o português padrão:

Olá incógnito visitante! Tudo bem? Comigo tudo bem. Hoje, com a prova de geografia, iniciaram-se as avaliações escritas lá na escola. Achei fácil, mas é preciso estudar bastante. Por isso, tomei um banho revigorante e já vou reiniciar os estudo, agora para a prova de biologia, que parece estar bem difícil. Antes disso, gostaria de recomendar a observação do planeta Marte, bem próximo e visível hoje à noite, e de mandar saudações aos meus amigos, em especial para minha amada Lígia, que deve estar estudando matemática. (por Alejandro Miguelez professor de expressão em multimídia do Colégio Santa Cruz)

Em relação ao texto tradicional escrito em sala de aula, o texto do blog apresenta desrespeito à norma culta escrita e acarreta problemas para a compreensão efetiva do conteúdo, principalmente para o leitor que não está familiarizado com esse gênero textual.

É importante ressaltar que comunicar-se utilizando várias maneiras é uma habilidade que precisa ser aprimorada todos os dias, pois o maior empobrecimento da língua não é a simples troca de letras nem a falta de acentuação em alguma sílaba. O maior empobrecimento lingüístico deve-se à falta de leitura, argumentação e objetividade na produção de textos.

### 3.4 Peculiaridades do Texto

A produção de texto é um ato de linguagem que se realiza tanto através da modalidade oral quanto da escrita e nas diversas variedades lingüísticas do português, das quais o padrão formal escrito é apenas mais uma.

Para Coscarelli (2002), uma das características essenciais a qualquer gênero textual é o caráter sociocomunicativo e, decorrentes dele, os aspectos pragmáticos envolvidos no ato de comunicação. Vale citar alguns conceitos sobre o que é um texto, imprescindíveis para que se possa ampliar as discussões da teoria textual.

[...] um texto não se encerra nem se resolve nele mesmo, mas se produz na relação desse texto com o contexto em que ele ocorre, nas ações que, por ele, com ele ou nele, os falantes realizam. (VAL, 2002, p. 36)

[...] ocorrência lingüística falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal. (VAL, 1991, p. 3)

Todo componente verbalmente enunciado de um ato de comunicação pertinente a um jogo de atuação comunicativa, caracterizado por uma orientação temática e cumprindo uma função comunicativa identificável, isto é, realizando um potencial ilocutório determinado. (SCHIMIDT, 1978, citado por COSCARELLI, 2002, p. 67)

Texto não é apenas uma unidade lingüística ou uma unidade contida em si mesma, mas um evento (algo que acontece quando é processado); não é um artefato lingüístico pronto que se mede com os critérios da textualidade; é constituído quando está sendo processado; não possui regras de boa formação; é a convergência de 3 ações: lingüísticas, cognitivas e sociais. (MARCUSCHI, 1998, citado por COSCARELLI, 2002, p. 68)

Um texto é uma máquina preguiçosa que pede ao leitor para fazer parte de seu trabalho. (ECO, 1994, citado por COSCARELLI, 2002, p. 68)

O texto pode ser concebido como resultado parcial de nossa atividade comunicativa, que compreende processos, operações e estratégias que têm lugar na mente humana, e que são postos em ação em situações concretas de interação social. (KOCH, 2000, p. 22)

Observa-se que esses conceitos se referem ao papel de mecanismo de interação ou produto de uma situação sociocomunicativa desempenhado pelo texto.

Coscarelli (2002), assinala:

Mesmo com o advento da informática, o conceito de texto parece continuar o mesmo, uma vez que pode tomar infinitas formas para continuar sempre sendo um mecanismo de interação. O que muda são as formas de manifestação, ou seja, novos gêneros textuais são criados em função de uma nova interface, novas formas de expressão são utilizadas, antigas são retomadas, mas o texto continua uma instância enunciativa, contrato entre autor e leitor. (COSCARELLI, 2002, p. 68)

O importante, na produção de um texto (acadêmico, técnico, e-mail, chat etc.) é que os interlocutores tenham o que dizer ou escrever e tenham também um objetivo definido. Novos tipos de texto vão gerar novas concepções de texto. Segundo Coscarelli (2002), tudo evolui, mas parece que alguns desejam que a produção de texto permaneça na pré-história da escrita, estática, fiel ao uso da primeira tecnologia: os eternos papel e lápis. Em vez de criticar o computador e classificá-lo como vilão contemporâneo, seria melhor aceitar de vez a informática.

É imprescindível perceber que a escrita começou nas cavernas e daí as mudanças e evoluções aconteceram: papel, pena, lápis, máquina de escrever e o teclado do computador, cada vez mais aperfeiçoado, encontra adeptos por todos os cantos. É quase impossível excluí-lo da vida moderna graças à agilidade, ao conforto e às possibilidades para melhorar a produção escrita.

Quanto ao ensino de língua e contrapondo àquilo que se tem entendido como ensino de gramática, Britto (2002) apresenta uma análise condizente com a

questão em debate, ou seja, até que ponto o texto produzido nos chats e as mensagens escritas por e-mail interferem na produção do texto acadêmico tradicional?

Em não havendo uma modalidade superior unificadora, não faz sentido insistir que o objetivo da escola é ensinar a norma culta enquanto expressão do que seria o português padrão, conforme tem afirmado a maioria dos trabalhos mais recentes sobre o ensino de português. (BRITTO, 2002, p. 173).

A escrita pode ser caracterizada como um sistema simbólico secundário com uma longa história de constituição e relação com a fala. É uma modalidade específica, com regras próprias, tais como ortografia, pontuação, concordância, regência etc. Todavia, o domínio da escrita, muito mais que o conhecimento de regras de uso, implica o conhecimento de certas formas de discursos e o acesso a certos bens de cultura. Segundo BRITTO (2002), foi devido aos saberes que veicula e ao valor social que lhe foi agregado que a escrita se transformou em paradigma de correção de todas as formas de fala.

Quanto às situações em que se exige o registro formal culto, também não se pode afirmar que o ensino da norma culta seja a solução. Em primeiro lugar, porque na maioria dos casos não se trata de um nível de registro, mas, sim, de um jargão particular, um gênero discursivo que se destaca das formas padronizadas, inclusive daquelas identificadas como próprias da norma culta. Além disso, pode-se dizer que se trata de registros especiais, cujo domínio faz com que o sujeito seja identificado com determinado grupo social ou com determinada atividade ou profissão. Um bom exemplo seria uma mensagem enviada por e-mail, a linguagem dos blogueiros, a linguagem jurídica, a linguagem dos economistas etc.

Essa especificidade vale tanto para um jargão valorizado — como a linguagem dos juristas ou dos economistas — quanto para um jargão estigmatizado — como as gírias dos malandros ou as mensagens dos blogueiros. Segundo Britto (2002), é absolutamente falsa a idéia de um único padrão formal ou superior que se sobreporia às diversas variedades de linguagem.

#### Exemplo de texto jurídico - jargão valorizado

Os fatos que ocorrem no mundo e são importantes para a convivência do homem em sociedade, podem ser valorados pelo organismo social responsável pela atividade reguladora das condutas humanas, de modo a serem previstos em uma norma jurídica e explicita seus aspectos mais importantes, prescrevendo efeitos concebidos para serem abstratamente deflagrados quando da sua ocorrência. (COSTA, 2000, p. 31)

#### Exemplo de linguagem do bloguês - jargão estigmatizado

“O bloguês, linguagem adotada por adolescentes em seus diários on-line, vira o português de ponta-cabeça.”

Aiai...pois eh maki...moh sorte sua viu o y em qto eu lah moh doenti huahua... mas td bem...faze oq... =P..hehe

Ahh Kat valeu pelo email...mtu fofix!! Adorei...!! Mtu mtu fofa vx..

Qm entende essa: P? \* Quem entende essa língua?, em bloguês

(Folha de São Paulo, caderno folhateen de 1º set. 2003).

Os exemplos acima confirmam a teoria de Bakhtin (1995), segundo a qual, a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema lingüístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes. Tanto no texto jurídico, quanto no texto do blog, há adequação da linguagem haja vista que, segundo também afirma Bakhtin (1995), “o material privilegiado da comunicação na vida cotidiana é a palavra.”

Diante da “implicância” com a influência das novas mídias na produção dos textos tradicionais, vale ressaltar que o conhecimento teórico sobre a língua não se mistura com seu conhecimento efetivo e operacional. Segundo Britto (2002), se quer efetivamente modificar a situação de marginalização e exclusão de determinados segmentos sociais é preciso assumir que...

...não é o domínio de uma variedade lingüística que permite o acesso ao conhecimento, mas sim, o acesso à cultura e informação que amplia o conhecimento lingüístico. Enfim, reconhecer que o preconceito contra determinadas modalidades e formas de expressão é consequência dos processos de exclusão e estigmatização sociais e que o estudo da língua e da escrita deve necessariamente passar pela recusa de todo e qualquer preconceito lingüístico. Assim como não se admite em uma sociedade democrática dizer ao sujeito que deve mudar de cor ou de sexo para não sofrer preconceito

e ter melhores oportunidades sociais e profissionais, não faz sentido usar o argumento do preconceito lingüístico para justificar o privilégio de uma modalidade lingüística. (BRITTO, 2002, p.175-176).

As práticas pedagógicas deveriam privilegiar exercícios de linguagem que valorizassem a realidade lingüística do aluno, pois sabe-se que o conhecimento lingüístico é consequência da experiência social e do acesso aos bens sociais e não da aprendizagem de uma metalinguagem. É vivenciando uma prática significativa que se aprendem simultaneamente o vocabulário próprio dessa prática e o universo de referências que o informa. Segundo Britto (2002), não se aprende uma linguagem técnica para poder acessar um conhecimento; ao contrário, é na convivência com o conhecimento que se adquire, eventualmente, o domínio de uma linguagem técnica.

Toda nova tecnologia que mexe com os hábitos instalados causa insegurança, e a primeira tendência é ver nela apenas o mal. Entretanto, assegura Coscarelli (2002), o texto produzido no computador vai aos poucos instalando um texto novo, criativo, ágil, que exige um leitor que domine os recursos de produção desse texto, para melhor entendê-lo. Portanto, antes de criticar o uso do computador, é preciso pensar que a produção de texto estabelece novas exigências e facilidades, e não há por que recusá-las. É importante que possamos entendê-las, estudá-las e aperfeiçoá-las.

## **4 A ORALIDADE E A ESCRITA NO E-MAIL E NO TEXTO DE ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO**

Antes de caracterizar a realidade dos textos do e-mail em relação à constituição do discurso escrito formal, é preciso analisar o modo como o aluno lida com os mecanismos de interpretação e construção dos símbolos criados nos textos escritos por influência da oralidade. Além disso, é importante observar como se processa a significação das expressões orais do ciberespaço, uma vez que parece haver uma barreira na transferência desse conhecimento para o padrão lingüístico acadêmico.

As linhas de pesquisa lingüística de orientação bakhtiniana têm demonstrado que a atuação dos professores de Língua Portuguesa nas diferentes etapas do ensino, quando é feita pela perspectiva dos gêneros, não só amplia, diversifica e enriquece a capacidade dos alunos ao produzir textos orais e escritos, mas também aprimora sua capacidade de recepção, isto é, de leitura, compreensão, interpretação e produção de textos.

O ensino de produção de textos feito sob essa perspectiva não despreza os tipos textuais tradicionalmente trabalhados como a narração, a descrição e a dissertação. Ao contrário, incorpora-os numa perspectiva mais ampla, de variedade de gêneros. Desse modo, o estudo de gêneros de texto na escola como objeto de ensino-aprendizagem pode criar condições para a construção dos conhecimentos lingüístico-discursivos necessários para as práticas de linguagem em sala de aula.

Segundo Bakhtin (1995), na prática viva da língua, a consciência lingüística do locutor e do receptor nada tem a ver com um sistema abstrato de formas normativas, mas apenas com uma linguagem no sentido de conjunto dos contextos possíveis de uso de cada forma particular. Desse modo, produzir um texto é conseguir articular a linguagem de maneira adequada à situação, é colocar-se como sujeito responsável pelo enunciado que produziu.



O e-mail, gênero textual pesquisado, tem um caráter dialógico, com características típicas de memorando, bilhete, carta, conversa face a face e conversa telefônica, cuja representação, como afirma Paiva (2003), adquire ora a forma de monólogo, ora de diálogo e se distingue de outros tipos de mensagens devido a características próprias do ciberespaço, em especial a velocidade e a assincronia na comunicação entre usuários de computadores.

#### **4.1 A língua escrita na escola**

O ensino e a aprendizagem da escrita não são questões simples nem isoladas, por isso convém observar os fatores históricos, socioeconômicos e culturais que vão além do cotidiano da sala de aula. O uso da língua escrita, o valor atribuído a ela e suas funções sociais variam conforme a posição social e a história pessoal do aluno produtor.

Para Bakhtin (1995), a língua não é o reflexo das hesitações subjetivo-psicológicas, mas das relações sociais estáveis dos falantes. Acrescenta:

Conforme a língua, conforme a época ou os grupos sociais, conforme o contexto presente tal ou qual objetivo específico, vê-se dominar ora uma forma ora outra, ora uma variante ora outra. O que isso atesta é a relativa força ou fraqueza daquelas tendências na interorientação social de uma comunidade de falantes, das quais as próprias formas lingüísticas são cristalizações estabilizadas e antigas. (BAKHTIN, 1995, p.147)

É preciso desenvolver nos alunos a capacidade de transitar pelo mundo da escrita, como leitores e produtores de texto. É trabalho a longo prazo. O aprendizado da língua escrita não requer apenas o domínio dos códigos formais: é necessário perceber que um sistema de escrita cumpre, numa sociedade, inúmeras funções, daí a produção e circulação de tantos textos com diferentes formas.

Hoje, com a tecnologia que já invadiu o nosso cotidiano, o e-mail é um gênero textual, fruto da internet, que se caracteriza pela oralidade. "Parece que hoje

redescobrimos que somos eminentemente orais, mesmo em culturas tidas como amplamente alfabetizadas" (Marcuschi, 2001, p. 24).

É interessante refletir sobre o lugar da oralidade hoje, seja nos contextos de uso da vida diária, seja nos contextos de formação escolar formal. Diante disso, vale citar a distinção entre oralidade, fala e escrita feita por Marcuschi (2001):

A **oralidade** seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso.

A **fala** seria uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral (situa-se no plano da oralidade, portanto), sem a necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível pelo próprio ser humano. Caracteriza-se pelo uso da língua na sua forma de sons sistematicamente articulados e significativos, bem como os aspectos prosódicos, envolvendo, ainda, uma série de recursos expressivos de outra ordem, tal como a gestualidade, os movimentos do corpo e a mímica.

A **escrita** seria um modo de produção textual-discursiva para fins comunicativos com certas especificidades materiais e se caracterizaria por sua constituição gráfica, embora envolva também recursos de ordem pictórica e outros (situa-se no plano dos letramentos). Pode manifestar-se, do ponto de vista de sua tecnologia, por unidades alfabéticas (escrita alfabética), ideogramas (escrita ideográfica) ou unidades iconográficas, sendo que no geral não temos uma dessas escritas puras. Trata-se de uma modalidade de uso da língua complementar à fala. (MARCUSCHI, 2001, p. 25)

A escola tradicional sempre privilegiou o estudo da forma em detrimento do conteúdo. Quando ingressa na escola, o aluno começa a aprender sobre o que é possível escrever (conteúdo) e como se deve escrever (forma). Quanto à forma, em geral, a escola toma como norma obrigatória a língua-padrão, dialeto de maior prestígio. Além disso, costuma vigorar na escola a idéia de que há poucos tipos de textos que devem servir de modelo: narração, descrição e dissertação. Quanto ao conteúdo, em geral, são temas que modelam o comportamento considerado correto, positivo para não tumultuar a ordem do aprendizado escolar.

Segundo Aracy Alves Martins Evangelista et al. (1998), as práticas pedagógicas atuais tentam buscar uma adequação teórica e metodológica que incorpore a complexidade do mundo da escrita. “Trabalhar com o texto do aluno”, “formar leitores críticos”, estudar a gramática voltada para o texto, “fazer com que o aluno produza textos variados” são princípios bastante difundidos. No entanto, nem sempre esses objetivos têm sido alcançados, o que reforça a tese de que aprender a ler e a escrever não são atividades simples e que, de fato, é preciso buscar novas posturas para que se concretizem, na escola, esses princípios.

Muitos leigos afirmam que tanto a internet quanto o uso de e-mail, chat e blog empobrecem a linguagem, e que poucos se preocupam com a língua portuguesa. Todavia, não se pode culpar a internet; é necessário constituir novos parâmetros que reflitam o momento de mudança do ensino-aprendizagem, para que o aluno seja capaz de produzir textos variados conforme a situação sociocomunicativa do seu cotidiano escolar e não-escolar.

## **4.2 E-mails e Textos Escolares**

A produção do texto é o lugar da subjetividade. O e-mail, por exemplo, é um gênero “menosprezado” em comparação às atividades escolares. Mas é preciso considerá-lo uma produção criativa como qualquer outra em que o sujeito articula, aqui e agora, um ponto de vista sobre o mundo que, vinculado a uma certa formação discursiva, dela não é decorrência mecânica.

Para Bakhtin (1992), a produção de texto (Gênero Discursivo) pode ser reconhecida por sua estabilidade lingüística e por sua capacidade de se evidenciar em eventos comunicativos recorrentes, o que leva a uma convencionalidade de uso. É válido ressaltar que um mesmo locutor pode produzir textos diferentes, em situações diferentes de discurso. Isso pode ser observado nos três exemplos de textos que seguem:

No primeiro, o aluno envia um e-mail para sua professora de Língua Portuguesa. Percebe-se adequação do registro de linguagem ao interlocutor,

embora haja interferência da oralidade (*tá, vamos nos encontrarmos*), modismo de linguagem (*com certeza*), abreviaturas convencionais do e-mail (*q, vc, abs*) e expressividade refletida nos sinais de pontuação (?!).

1. E-mail do locutor A para a professora

Olá, Regina. Tudo bem?!?!?!?

Mais uma vez Regina, muitíssimo obrigado pela ajuda, tenho certeza q com essa força vc tá me dando vou ter um belo currículo. Infelizmente não vamos nos encontrar sempre, pois semestre q vem não temos português, mas adorei vc como minha professora, pois é uma excelente profissional, parabéns. Com certeza vamos nos encontrarmos nos corredores. Muito obrigado!!!!!!!!!!!!!!

Abs

No texto 2 o locutor, bem mais à vontade, escreve na linguagem oral; usa gírias, interjeições, abreviaturas e onomatopéias, apresenta problemas de coesão, grafia, acentuação, descuida-se da digitação e usa recursos de expressividade (interrogação e exclamação). Além disso, não se preocupou com a concatenação das frases; a coerência ficou por conta do interlocutor.

2. E-mail do locutor A para amigos

Aí galera, vou começar a fazer propagandas hein, ajudem aí e entrem nos sites, hehehe, tã zuando. Bom, mas pelo menos uma propaganda vou fazer pra vcs, em vez de piadinhas e outras. Um site q criei para a empresa de minha irmã, tipo q num tá lááááááá essas coisas, mas ainda vou dar uns ajustes, deêm uma olhada e se quiserem comprar fiquem a vontade, hehehehe. A sim, essa é pro Gordo, mamédio e fagner q adoram colocar defeito em tudo, antes de falarem, quero ver vcs fazerem melhor, ok??? hahaha. Mas podem mandar críticas ou sugestões pelo próprio site ou no e-mail do hotmail, fiquem a vontade pra soltarem o verbo. Bom, se caso precisarem de meus serviços, fico disponível, rrsrrsrs. Valeu!!!

O locutor produziu o texto 3 numa situação formal: prova de língua portuguesa. Percebe-se que o texto não traz uma reflexão muito cuidadosa sobre o assunto, reflexão comprometida pelo raciocínio simplista. Há maior preocupação com adequação do registro de linguagem (obediência à norma gramatical, ausência de gírias e de expressividade) ainda que tenha havido erro de grafia (*atraz*), de concordância (*os outro*). A oralidade se manifesta na fragmentação dos períodos e na justaposição das frases.

### 3. Assunto: desemprego e escolaridade

Não adianta você ter o curso superior para ter um emprego você tem que ser bom no que faz; correr atrás porque tem muita gente no mercado, que tenta mostra mais que os outro; problema é que as vagas estão sumindo, uma empresa tem uma vaga para administração e coloca um filho de um chefe e não deixa vaga para os outros.

Destaca-se que o conhecimento da situação facilita a produção dos textos. O locutor, em qualquer situação, deve levar em conta que, num contexto de oralidade, recursos como pausas, gestos, intervenção do interlocutor, podem auxiliar a compreensão da mensagem, por outro lado, num texto escrito, a ausência destes recursos deve ser suprida pelo próprio texto que precisa se articular de forma clara para garantir a interlocução.

Evangelista et al. (1998) afirmam que a escola precisa levar em conta o conhecimento prévio do aluno para que ele tenha domínio da modalidade escrita, sobretudo da escrita formal.

A prática de ensino de língua portuguesa que se orienta por uma concepção tradicional, ao ignorar o trabalho textual do aluno, ignora também o seu conhecimento lingüístico anterior à escola, especialmente o fato de que ele domina, pelo menos, a língua falada coloquial e sabe, portanto, produzir e interpretar textos orais informais. (EVANGELISTA et al., 1998, p. 39)

Os textos 4 a 16 são trechos de redações de vestibular antes e depois da explosão da internet, entre 1992 e 2004. Vale lembrar que em muitos casos há o confronto entre a oralidade e a escrita. Normalmente, o locutor escreve imaginando o leitor presente, que compartilha determinado contexto de comunicação oral. Para o aluno, é difícil desvencilhar-se do modo espontâneo de produção para operar com o modo de produção escrita, que exige abstração do contexto imediato e um trabalho consciente e deliberado de composição do texto. Por isso, é importante mostrar-lhe que determinados recursos e estratégias funcionam adequadamente na fala, porém podem prejudicar a comunicação escrita.

Os textos 4 a 7 foram produzidos antes que os locutores tivessem acesso à internet; os textos 8, 9 e 10, numa época em que o acesso à internet era mais fácil; já os textos 11 a 16, por indivíduos que têm fácil acesso à internet (esse último dado foi constatado através de uma pesquisa durante a inscrição para o vestibular). As redações analisadas a seguir são de duas grandes faculdades particulares de Belo Horizonte.

4. Você tem q/ agarrar a oportunidade pelos cabelos, mesmo ela sendo careca. Mas ao invermos de lamentarmos a situação levantara cabeça. (1992)

5. Somos frutos de uma sociedade q. nos julgam incapases de tomar decisões, mas como tomar decisões se somos inguinorantes e analfabetos? (1994)

6. Precisamos viver e não sofrer. A desigualdade é um mau necesario porque o que seria do empregado se não fosse o de empregado? (1995)

7. É importante destribuir as terras agricultáveis. (1996)

8. Precisamos melhorar em tudo, no trabalho, na saude até na fome. (1998)

9. A principal fonte de mizeria é a seca. Não, não é a cerca, são os votos que se ganha prometendo e não cumprindo, prolelando, por que se for solucionado não haverá mais votos e para se ganhar a eleição é precizo de votos, muitos votos.(2000)

10. Talvez um dia deixarmos de ser insatisfeitos como os Ingreses, felizes pobres, como os americanos ou acomodados como nós brasileiros e poassaremos a pensar que poderíamos ter o necessário para uma vida feliz, com pouco, com o trivial, mas que esse pouco seja igualmente distribuído. (2001)

11. Esperamos do novo presidente emprego e alfabetismo para a nossa popular para espantar divez este fantasma do nosso Brasil. (2002)

12. Eu acho q cada cidadão deveria pensar primeiro em si antes de eleige um candidato. Pois os problemas se deve a política, sem moral. (2002)

13. O desemprego, a fome que n/ tem fim pois enquanto haver tudo isto sempre haverá obstáculos. È triste mora em país que só vê, desilusoes, probreza conviver no meio da violência. Espero que o meu Brasil mude c/ o meu presidente na presidencia. (2002)

14. Com o assesso facil a internete e sem muita identificação ela é de facil uso para crimes de pornografia infantil. (2003)

15. Todo começo e dificil e duvidoso não sabemos ao cero o que queremos tudo e novidade, mas ao atingir consciencia e maturidade passamos a tomar decisoes e fazer planos concretos para o futuro. (2004)

16. Os proficionais precisam trabalhar c/ copetencia. Precisão tomar cuidado com os com corentes seja no trabalho ou seja no dia a dia. (2004)

Nos exemplos mostrados, percebe-se problemas de grafia, de gramática (acentuação, concordância, regência, colocação de pronomes, pontuação, emprego de tempos verbais, erros de construção, inadequação vocabular), de textualidade (situacionalidade, intencionalidade, informatividade, coesão, coerência) e de argumentação.

Pode-se concluir que, independentemente da internet, os produtores dos textos, na tentativa de estabelecer vínculos entre as orações, acabam produzindo seqüências incompletas de frases. A superficialidade da reflexão fica transparente; não há segurança das idéias defendidas. A maior parte dos textos apresenta problema na coesão das idéias. Como afirma Val (1991), a

tensão psicológica e a pressa em compor uma opinião para preencher a folha de prova certamente atuam no sentido de dificultar uma análise detida e mais consistente. Além disso, acrescenta:

... se a recomendação explícita de professores e manuais de redação é ser objetivo e evitar vivências e posições pessoais, a solução é recorrer aos estereótipos mais facilmente disponíveis. [...] A essa orientação, reiterada durante o período escolar, se alia a artificialidade das condições mais freqüentes de produção de redação (escrever sem se preparar, sobre um tema imposto, para um recebedor indesejado que não será leitor, mas juiz, dentro de um prazo curto e predeterminado, sem possibilidade de revisão e reelaboração do próprio texto). O resultado é uma concepção errônea, inadequada, do próprio ato de escrever. Produzir um texto artificialmente, especialmente, um texto dissertativo, requer, antes do trabalho braçal de encher folhas de papel, a construção de uma opinião personalizada sobre o tema a ser tratado. (VAL, 1991, p.126)

O exemplo a seguir, texto17, foi produzido em sala de aula por um aluno que lida com a internet e e-mails o dia todo, porém não se percebe no texto influência da oralidade. A estruturação e o vocabulário estão adequados à situação de produção formal. Percebe-se um bom domínio da norma culta por parte do aluno. O texto não apresenta erros de grafia, pontuação ou de interferência da oralidade.

17. Professora, boa noite! Segue o texto que a senhora me pediu. Abraços,  
 Antônio  
 Cheiro de fogão a lenha  
 Eu era pequenino, com cinco ou seis anos. Morava com meus avós, num fundo de mundo. Perto do mato, junto do rio. Tudo cheirava a flor, a fogão a lenha. Meu avô tomava conta de uma usina que alimentava de energia uma cidadezinha no sul de Minas.  
 Minha tia, filha de vô, lecionava em uma pequena escola num arraial, perto da usina. Assim sendo, sempre tinha alguns livro e revistas, os quais ela lia para mim. [...] (2002)

O produtor do texto demonstrou reconhecer os recursos e as estratégias que funcionam adequadamente para que a comunicação escrita se estabeleça, levando em conta a situacionalidade e a intencionalidade.



Os textos 18 a 25 são e-mails produzidos em várias situações sociocomunicativas (trabalho, relacionamento pessoal etc.). A linguagem do e-mail é codificada e muito próxima da oralidade. Como há necessidade de comunicação rápida, usam-se abreviaturas (q, cv, d, bjs, tb) e *smileys* [☺ ☹ :-) :~( =P :P]. Os estados de espírito são representados por onomatopéias (hehehehe, rrsrsrs, hahaha), interjeições, exclamações, interrogações e reticências. A pontuação alternativa é uma tentativa de retorno ao oral. A coerência está relacionada à formalidade ou à informalidade do texto, que, por sua vez, está atrelado ao âmbito profissional ou pessoal.

17. Olá pessoal!

Estou à disposição para toda dúvida q tiverem. Basta escreverem pra mim. Espero que a gente se divirta muito enquanto aprende junto!

Um grande abraço,

18. Professora, tudo bem! Espero que sim.

Teve uma das pessoas que enviou um e-mail para à senhora e me parece que ocorreu um erro, à senhora poderia fazer o favor de verificar se chegou em sua caixa de mensagem algum e-mail deste remetente.

19. Queridos,

Anexo segue mensagem da proda Regina, não sei se ainda está em tempo:

Leonor Por favor, avisar os alunos do I. Hendrix9 que devem enviar os arquivos dos seminários, apresentados em sala de aula. Toda a produção deve ser enviada.

Abraços,

20. Regina:

Agora consegui me conectar. E não é que seu texto não chegou? Pra onde foi que você o mandou? Ainda bem que já está pronto. Ou não?

Beijo,

21. E-mail produzido por um universitário no local de trabalho

Por motivos de Problemas na entrega de A.R para a contagem, solicito a Sr. Alessandra para me entregar as A.R somente protocoladas pois se não tivermos um controle de A.R entregues na Expedição sempre teremos problemas com relação o mesmo.

Jose jose

22. Oi, amiga!!!

Me dê notícias das operações e da recuperação que, espero em Deus< te traga uma nova vida, ou melhor, nova força pra continuar esse caminho de busca que é a nossa vida!!

Nada como uma insônia básica pra falar com os amigos!

Insônia em termos> cheguei exausta do trabalho às 18 hs. lanchei, escovei os dentes e deitei em frente a TV pra esperar a novela...que nada, acordei 1/2 noite. ai abri um vinho pra colocar em dia a conversa com os amigos... colocar em dia é força de expressão, pois nem tô querendo falar nada muito sério.

Não que não seja importante o que quero dizer aqui: boa recuperação e abaixo todos os furúnculos do mundo!!

Mas não quero discutir, argumentar, essas coisas.

Mande notícias.

Acho que em setembro teremos transporte grátis para "nossas" alfazemas. quando tiver datas e tal eu te ligo ou escrevo.

Bjs, Eu

23. Prezada Dila

Estou enviando anexo a versão final do meu texto. Acatei quase todas as suas sugestões, exceto algumas em que acho que o sentido original ficou alterado ou que houve perda da ênfase que eu gostaria de dar. Em caso de dúvida, poderemos conversar pelo telefone 0000-0000. Além disso, verifiquei que há um destaque em uma das minhas referências. Trata-se de um texto não assinado, por ser um editorial da revista Nature. Não sei qual a forma mais correta de fazer referência ao texto. Posso verificar.

Cordialmente,

24. Prezada Professora,

sou advogado sócio do escritório xxxxx Advogados e dirijo-me à senhora em nome da Professora Maria a quem pedi a indicação de alguém que pudesse ministrar aulas de português para advogados que compõem a nossa equipe. Gostaria de saber se a senhora teria, em princípio, interesse e disponibilidade para nos ajudar nessa tarefa e, em caso afirmativo, gostaria de ter um contato pessoal com a senhora, que pode ser agendado por e.mail (xxx@xxx.com.br) ou por telefone (222-2222).

Atenciosamente,

25. Cara Fulana:

Estou lhe retornando meu texto, depois de minha leitura. Concordei com a maioria de suas alterações, mantendo o escrito original em poucos momentos. Também procedi algumas (poucas) modificações que julguei necessárias. aguardo seu retorno, Obrigado!

Em todos os e-mails, quer nas mensagens de cunho mais íntimo, quer nas mensagens profissionais, os locutores têm claro o objetivo, ou seja, as mensagens estão adequadas à situação sociocomunicativa.

Os textos 26 a 31 foram produzidos em sala de aula, numa situação de formalidade: avaliação. Os locutores são universitários de primeiro período de graduação. Todos os textos retratam um depoimento e/ou análise sobre leitura, produção de texto escrito e sobre a língua portuguesa. Os textos 26 e 27 foram produzidos por alunos antes da explosão da internet; já os textos 28 a 31, por alunos que têm acesso à internet.

26. Se hoje sei ler e escrever devo isso primeiro a minha mãe que teve consciência p/ saber que isso seria uma coisa muito importante para mim e depois a todos que teve a paciência de me ensinar, e depois de muitos anos aprendendo, acho que ainda não aprendi direito. (1994)

27. Escreve bem quem consegue transmitir sua mensagem, fazer com que o receptor a entenda e evite equívoco, que para as empresas pode custar tempo e dinheiro. (1996)

28. A leitura em si gera muitos benefícios, mas devemos escolher bem o que iremos ler. A poesia nos faz sentir diferente e cada pessoa a interpreta de uma maneira. Para uns ela pode trazer tristeza, já para outros alegria. Isso depende da maneira de que cada um a entendi e a leva pra dentro de si. (1999)

29. O livro está sendo esquecido pela sociedade. A nova geração não se interessa mais em ler bons livros e nem livro algum. Os jovens só querem saber das novidades tecnológicas. Praticar a leitura é estimular a cabeça para diferentes idéias, ao invés de ser estimulado por uma máquina que vai trazer uma ideia fixa. (2000)

30. A invenção do e-mail contribuiu para a falta de clareza e correção na comunicação escrita das empresas, pois sempre que uma pessoa da empresa vai escrever um e-mail, ela tem a intenção de passar uma mensagem rápida e curta para comunicar algo, porém é muito importante que, mesmo a mensagem sendo curta e rápida, ela esteja escrita corretamente, pois o e-mail é uma carta e uma carta mau escrita pode ser devolvida. (2001)

31. Com a tecnologia muitas crianças deicham de ler e adquirir cultura para ficar vendo bobearas na TV. Acho que os pais tem um porcentagem de culpa nessa istória. Porque quando criança, os pais têm como induzir seus filhos a gostarem de leitura, lhes oferecendo deus de pequenos livros literários. (2004)

Como a tradição do ensino da língua materna sempre privilegiou o estudo da forma em detrimento da função ou conteúdo, percebe-se que os produtores cumpriram essa tradição. Independente do contato com a internet, os textos apresentam uma argumentação simplista do assunto. É preciso trabalhar para que os alunos não sejam adestrados para o empobrecimento das idéias. Mesmo que o objetivo para a produção dos textos seja desenvolver neles a capacidade de transitar pelo mundo da escrita, em todas as modalidades e situação de comunicação, parece que o objetivo de alguns alunos é apenas alcançar uma “nota” para que sejam aprovados.

Todo falante já sabe português. Todo falante tem uma gramática intuitiva. Entretanto, é essencial que tenha a noção de que sua linguagem deve ser adequada a cada situação comunicativa. Há diferenças entre o registro da linguagem do e-mail e o registro da linguagem do texto acadêmico, determinadas pelo contexto sociocomunicativo.

A linguagem do e-mail ora se aproxima do pólo da fala conversacional, presente em bilhetes, cartas familiares, textos de humor, ora se aproxima do pólo da escrita formal, presente em conferências, entrevistas profissionais para altos cargos administrativos e outros. Existem, ainda, tipos mistos, além de muitos outros intermediários.

A linguagem do texto escolar aproxima-se do pólo da escrita formal. É planejada, condensada, não-fragmentada, elaborada e possui normas próprias, isto é, regras de ortografia, pontuação e concordância, uso de tempos verbais. Todavia, a simples utilização dessas regras e de outros recursos da norma-padrão não garante o sucesso de um bom texto escrito. Também não basta saber que escrever é diferente de falar. É preciso ter em mente a figura do interlocutor e a finalidade para a qual se produz o texto.

É importante a conscientização de que, embora o ciberespaço esteja longe de ser um lugar a que todos têm acesso, o e-mail já está consolidado como um meio rápido e eficaz de comunicação na vida contemporânea. Interativo, dinâmico, sem fronteiras, ágil e colorido, o e-mail derruba as concepções tradicionais que polarizam a influência da oralidade sobre a escrita. Desse modo, deve-se salientar que a cada situação de comunicação há uma maneira para apresentar a mensagem. Felizmente, os alunos/produtores, mesmo de maneira ainda tímida, começam a ter consciência dessa adequação lingüística.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aluno sabe lidar com os mecanismos de interpretação e construção dos símbolos criados através da oralidade nos textos escritos da internet, particularmente, no e-mail. As expressões da oralidade, fruto da linguagem do ciberespaço, não interferem de modo negativo na construção do texto produzido em sala de aula.

Tanto na produção oral como na escrita, o sistema lingüístico é o mesmo para a elaboração de um enunciado, porém o modo como se efetiva a enunciação é diverso, específico e determinado de acordo com o meio e o objetivo da mensagem.

Como afirma Cagliari (1989), a língua portuguesa, como qualquer outra, tem o certo e o errado somente em relação à sua estrutura; entretanto, em relação a seu uso pelas comunidades falantes não existe o certo nem o errado lingüisticamente. Existe apenas o diferente.

O e-mail já está consagrado como um meio mais rápido e eficaz na transmissão e na recepção das mensagens. É raro o estudante de uma instituição de Ensino Superior que não tenha seu endereço eletrônico. As iniciativas governamentais também estão, aos poucos, fazendo com que a internet e a conseqüente interação por e-mail estejam ao alcance de todos os jovens em idade escolar. Antes de caracterizar a realidade dos textos do e-mail em relação à constituição do discurso escrito formal, é preciso analisar a maneira como o aluno lida com os mecanismos de interpretação e construção dos símbolos criados nos textos escritos pela oralidade.

Segundo Paiva (2003), no e-mail a assincronia está associada à velocidade de transmissão, que possibilita unir membros de uma comunidade discursiva dentro do espaço de interação virtual, onde cada um lê e produz mensagens na hora que lhe convém. Porém, estudos indicam que o novo gênero cria nos seus usuários uma ansiedade por feedback rápido. Ao aceitar a pressão, o leitor

sente-se na obrigação de responder rapidamente; caso contrário, seu interlocutor saberá que a mensagem foi lida, mas a resposta foi protelada.

A internet está recuperando a escrita e este novo momento é diferente da história da escrita. Sobre a revolução na escrita, por exemplo, Chartier (1999), assinala:

O texto eletrônico torna possível uma relação muito mais distanciada, não corporal. O mesmo processo ocorre com quem escreve. Aquele que escreve na era da pena, de pato ou não, produz uma grafia diretamente ligada a seus gestos corporais. Com o computador, a mediação do teclado, que já existia com a máquina de escrever, mas que se amplia, instaura um afastamento entre o autor e seu texto. A nova posição de leitura, entendida num sentido puramente físico e corporal ou num sentido intelectual, é radicalmente original: ela junta, e de um modo que ainda se deveria estudar, técnicas, posturas, possibilidades que, na longa história da transmissão do escrito permaneciam separadas. (CHARTIER, 1999, p.16)

Essa revolução diz respeito tanto ao modo de produção quanto à reprodução dos textos. Hoje as interferências da oralidade são equivalentes à interferência dos textos orais produzidos pelos alunos antes de terem contato com o ciberespaço.

Ora, se as línguas são resultantes do trabalho dos falantes, no caso dos textos do ciberespaço, particularmente o e-mail, os locutores estão adequados à situação sociocomunicativa. A informática já faz parte da vida, e sua influência é inevitável. Mesmo antes do contato com o mundo digital (hipertexto, chat, e-mail, blog, internet), já se percebia a influência da oralidade nos textos produzidos pelos alunos (fragmentação das idéias, problemas de coesão, coerência, ortografia, acentuação, regência, concordância etc.).

Além da ortografia, é importante observar a sintaxe, a semântica, e os fatores de textualidade, apresentados por Val (1991):

...a coerência, a coesão, que se relacionam com o material conceitual e lingüístico do texto, e a intencionalidade, a aceitabilidade, a situacionalidade, a informatividade e a intertextualidade, que têm a ver com fatores pragmáticos

envolvidos no processo sociocomunicativo, os fatores pragmáticos e a discursividade. Língua portuguesa não é só ortografia, problema de divisão silábica, abreviaturas. (VAL, 1999, p. 5)

Por que perder tempo com questões que não enriquecem o nosso universo comunicativo? Como afirma Bagno (2000), há uma paranóia ortográfica, ou seja, uma obsessão neurótica para que todas as palavras tragam o acento gráfico, que todos os ç tenham sua cedilha, que todos os g e j estejam nos lugares certos etc. Ele chama a atenção para a atitude do professor de português:

A atitude tradicional do professor de português, ao receber um texto produzido por um aluno, é procurar imediatamente os “erros”, direcionar toda a sua atenção para a localização e erradicação do que está “incorreto”. É uma preocupação quase exclusiva com a forma, pouco importando o que haja ali de conteúdo. (BAGNO, 2000, p. 131)

Coscarelli (2002) comenta que toda reportagem que aparece na imprensa mostra sempre faixas, cartazes e placas com erros de grafia e palavras sem acentos e, quando muito, com problemas de concordância ou alguma regência duvidosa.

Uma bela e consistente metáfora é mostrada por Bagno: a língua é um rio caudaloso, e a gramática, um igapó:

Enquanto a *língua* é um rio caudaloso, longo e largo, que nunca se detém em seu curso, a *gramática normativa* é apenas um igapó, um terreno alagadiço, à margem da língua. Enquanto a água do rio/língua, por estar em movimento, se renova incessantemente, a água do igapó/gramática normativa envelhece e só se renovará quando vier a próxima cheia. (BAGNO, 2002, p. 10)

É imprescindível acelerar a próxima cheia, pois toda nova tecnologia gera insegurança. Entretanto, o texto produzido no computador, influenciado pelo ambiente do ciberespaço, é criativo, ágil, rico e se renova assim como a língua, incessantemente. A linguagem não pode ficar de fora de tantas mudanças e,



com tantos avanços tecnológicos, é perfeitamente aceitável o aparecimento de novos gêneros textuais.

A língua é viva, e está mais do que na hora de perceber que a produção de texto não pode continuar na pré-história da escrita — estática, apenas atrelada à evolução do papel e do lápis.

Segundo Marcuschi (2001), oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias.

...algumas das propriedades até há pouco atribuídas com exclusividade à fala, tal como a simultaneidade temporal, já são tecnologicamente possíveis na prática da escrita a distância, com o uso do computador. Este "escrever" tem até uma designação própria: "teclar"; tal é a consciência da "novidade". [...] a mudança mais notável não diz respeito às formas textuais em si, mas sim à nossa relação com a escrita. Escrever pelo computador no contexto da produção discursiva [...] é uma nova forma de nos relacionarmos com a escrita, mas não propriamente uma nova forma de escrita. (MARCUSCHI, 2001, p. 16)

Portanto, já está na hora de essa nova maneira de produção ser respeitada, estudada, valorizada como mais uma conquista do homem. Vale o desafio, pois o uso da tecnologia no processo de ensino-aprendizagem cria novas condições de produção e recepção de texto e, conseqüentemente, de conhecimento.

## **SUGESTÕES PARA TRABALHOS FUTUROS**

Aos estudiosos da linguagem e suas relações entre a fala e a escrita sugerem-se estes tópicos:

- A passagem do discurso direto para o discurso indireto na interação das mensagens por e-mail.
- Uso da interjeição como marca da ausência dos tópicos nas mensagens por e-mail.
- A não-linearidade das leituras do hipertexto.

## REFERÊNCIAS

ADAM, J-M. *Eléments de linguistique textuelle: théorie et pratique de l'analyse textuelle*. Liège: Mardaga, 1990.

AZEREDO, José Carlos de (Org.). *Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BAGNO, Marcos. *Dramática da língua portuguesa: tradição gramatical, mídia & exclusão social*. São Paulo: Loyola, 2000.

BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico*. 14. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, Mikhal. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

BIBER, D. *Variation across speech and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

BRITTO, Luiz Percival Leme. *A sombra do caos: ensino de língua x tradição gramatical*. 2. ed. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

BRONCKART, J-P. 1999. *Atividades de linguagem, textos e discursos*. São Paulo: EDUC, 1999.

BRONCKART, J-P. *Activé langagière, textes et discours*. Lausanne: Delachaux et Niestlé, 1997.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização & lingüística*. 6. ed. São Paulo: Scipione, 1993.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP/ Imprensa Oficial do Estado, 1999.

CHERRY, Colin. *A comunicação humana*. 2. ed. São Paulo, Cultrix, 1974.

COSCARELLI, Carla Viana (Org.). *Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

COSCARELLI, Carla Viana. *Livro de receitas do professor de português: atividades para a sala de aula*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

COSCARELLI, Carla Viana; MARTINS, Else. *Viciados em F7?: nossa resposta ao JB (27/09/2001)*. Belo Horizonte, out. 2001.

In: <http://bbs.metalink.com.br/~1coscarelli/viciados%20em%20F7.htm>.

Acesso em: 24 maio 2004.

COSTA Adriano Soares da. *Instituições de direito eleitoral*. 4. ed. Belo Horizonte: Del Rey, 2000.

DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

DOLZ, J. e SCHNEUWLY, B. *Genres et progression en expression orale et écrite: éléments de réflexions à propos d'une expérience romande*. Enjeux, 1996.

ECO, Humberto. *Como se faz uma tese*. 15. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

EMEDIATO, Wander. *A fórmula do texto: redação, argumentação e leitura*. São Paulo: Geração, 2004.

EVANGELISTA, Aracy A. Martins et al. *Professor-leitor, aluno-autor: reflexões sobre avaliação do texto escolar*. Belo Horizonte: CEALE-UFMG/Formato, 1998.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica*. São Paulo: Ática, 1991.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Qm entende essa : P?* (Quem entende essa língua?, em bloguês). São Paulo, segunda-feira, 1º set. 2003. Caderno Folhateen. p. 6-8.

FOLHA DE SÃO PAULO. Questões sobre língua portuguesa. *Entrevista com Evanildo Bechara e Moacyr Scliar*. São Paulo, domingo, 2 set. 2000. Caderno Mais. p. 3.

FRANCHI, Eglê. *E as crianças eram difíceis: a redação na escola*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

HILGERT, José Gaston. A construção do texto "falado" por escrito na internet. In: PRETI, Dino (Org.). *Fala e escrita em questão*. 2. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001. p. 17-55.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. São Paulo: Cortez, 1989.

KOCH, Ingedore Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.

KOCH, Ingedore Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

KOCH, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1992.

LÉVY, Pierre. *O que é virtual?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

LÉVY, Pierre. *A máquina universo: criação, cognição e cultura informática*. Porto Alegre: Artmed, 1997.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. 12. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2002.

LITWIN, Edith (Org.). *Tecnologia educacional: política, histórias e propostas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MACHADO DE ASSIS. *Dom Casmurro*. São Paulo: Moderna, 1983. Coleção Clássicos da Literatura Brasileira.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 2. ed. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MATTOSO CÂMARA JR, J. *Manual de expressão oral e escrita*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ozon, 1966.

MCLUHAN, M; FIORE. *Guerra e paz na aldeia global*. Tradução de Ivo Pedro de Martins. Rio de Janeiro, Record, 1971.

MCLUHAN, Marshall. *A galáxia de Gutenberg*. São Paulo: Editora Nacional, Editora da USP, 1972.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação: como extensão do homem*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1971.

PAIVA, V. L. M. O. Feedback em ambiente virtual. In: LEFFA, Vilson J. (Org.). *A interação na aprendizagem das línguas*. Pelotas: Educat, 2003.

PAULINO, Graça; Walty, Ivete; FONSECA, Maria Nazareth; CURY, Maria Zilda. *Tipos de textos, modos de leitura*. Belo Horizonte: Formato, 2001.

PINTO, Abuêndia Padilha. Gêneros discursivos e ensino de língua inglesa. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 50-51.

PRETI, Dino (Org.). *Fala e escrita em questão*. 2. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 18. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1972

ROSA, J. Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: 2001.

ROTH, Désirée Motta; MEURER, José Luiz. (Orgs.). *Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem*. São Paulo: EDUSC, 2002.

SERAFINI, Maria Teresa. *Como escrever textos*. 7. ed. São Paulo: Globo, 1995.

SILVA, Jane Quintiliano G. Gênero discursivo e tipo textual. In: *SCRIPTA*. v.1, n. 1, 1997. Belo Horizonte: PUC Minas, 1997. p. 87-106.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. *Contradições no ensino de português: a língua que se fala x a língua que se ensina*. São Paulo: Contexto; Salvador, BA: EDUFBA, 1995. Coleção repensando a língua portuguesa.

SOARES, Astréia; BARBOSA, Márcio Venício (Org.). *Iniciação científica Newton Paiva 2001/2002*. Belo Horizonte: Centro Universitário Newton Paiva, 2003. p. 268.

SOARES, Magda. *Português: uma proposta para o letramento*. São Paulo: Moderna, 2002. p. 153

SWALES, J. M. *Genre Analysis, English en academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TERRA, Ernani. *Linguagem, língua e fala*. São Paulo: Scipione, 1997.

VAL, Maria da Graça Costa. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VAL, Maria da Graça Costa. Repensando a textualidade. In: AZEREDO, José Carlos de (Org.). *Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 34-51.

VAN DIJK, T.; KINTSCH, W. 1983. *Strategies of discourse comprehension*. New York: Academic Press.

WERLICH, E. *Typologie der texte*. 2<sup>nd</sup>. ed. Heidelberg, Quelle & Meyer, 1975.